

# REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES

2024  
V. 5  
N. 10



TRANSMASCULINIDADES EM DIÁLOGO:  
NARRATIVAS QUE CONSTROEM FUTUROS

ISSN 2764-8133

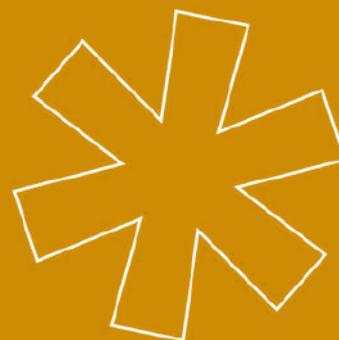
## descrição da capa

A capa tem como fundo a obra de arte de Lui Trindade chamada DYSPHORIA MUNDI, uma pintura retratando um busto em tom marrom claro, posicionado de perfil e com semblante sério, de olhos abertos, com um piercing Bridge (entre os olhos), em seu tronco há dois outros rostos de cabeça para baixo, um com olhos também abertos e outro com olhos fechados. O busto é rodeado por pássaros negros pousados e acomodados em estrutura escura.

No canto superior esquerdo está escrito “Revista Estudos Transviades”, no canto superior direito “2024, v.5, n. 10”. Na parte inferior tem o título “Transmasculinidades em diálogo: Narrativas que constroem futuros” com a logo da revista em frente e embaixo, no canto esquerdo, contém “ISSN 2764-8133”.

REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

2024  
V. 5  
N. 10



Arte da capa:  
Lui Trindade

ISSN 2764-8133

Todas as  
edições da  
Revista Estudos  
Transviades  
podem ser  
encontradas  
nos seguintes  
endereços  
eletrônicos:



**PODE CLICAR!**

## ÍNDICE

SOBRE A  
REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

PG. 9

EDITORIAL

PG. 14

YUDI  
SANTOS

O FUTURO DAS  
PERIFERIAS

PG. 20

TECO

ARTES

PG. 29

ALEXANDRE  
DA ROCHA  
SANTOS

A CONSTRUÇÃO DO  
MEU SER

PG. 33



DANIEL  
POLICASTRO

ARTES  
PG. 49

VICTOR  
COIMBRA

SORRISOS QUE  
MARCAM  
PG. 55

MAX REIS

COMO SE MINHA  
VIDA ACABASSE DE  
COMEÇAR  
PG. 58

POL IRYO

CID =  
TRANSMASCULINE:  
UMA BREVE  
AUTOBIOGRAFIA  
PANDÊMICA  
PG. 62

TUTUX

ARTES  
PG. 78



**KAYODÊ**

IMERSO

DESABAFO DE UMI  
BOYCETA

PG. 84

**JUCA MARTINS**

CORPO - CRIATURA -  
CRIAÇÃO

PG. 89

**VICTOR SILVA  
SANTOS**

ARTES  
PG. 94

**ERIC  
GREGNER**

O NOME QUE QUERO  
SER CHAMADO É O  
MEU NOME

PG. 102

**LUI  
TRINDADE**

DYSPHORIA MUNDI  
PG. 106



**CHLOÉ  
BRUNE**

PRIMEIRA - OU MAIS  
ANTIGA - LEMBRANÇA  
DE RECUSA À  
CISNORMATIVIDADE

**PG. 110**

**MARCOS V.  
BELARMINO**

RIO E TERRA

**PG. 114**

**ANDRÉ BRUNO**

AMAR ALÉM DAS  
CONVENÇÕES

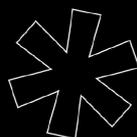
**PG. 117**

**LOU  
SULLIVAN**

UM(A) TRANSVESTITE  
RESPONDE UMA  
FEMINISTA

**PG. 125**

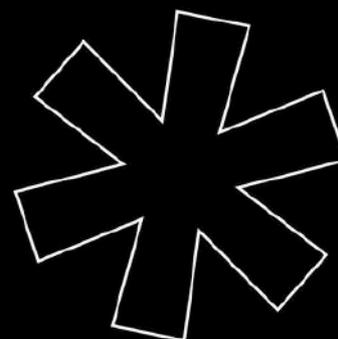




A Revista Estudos Transviades surge em 2020, no Rio de Janeiro, como uma iniciativa para criar um espaço de acolhimento e divulgação de produções de pessoas transmasculinas. Pensamos um espaço que abarque os diversos atravessamentos das transmasculinidades. Por isso, repudiamos qualquer manifestação de racismo, LGBTQIfobia, machismo, xenofobia, capacitismo, gordofobia, classismo. Esta revista se destina a todes que quiserem conhecer a amplitude das transmasculinidades fora de uma lente cisnormativa e patologizante.

Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpos não-binários transmasculines. Recebemos produções acadêmicas, literárias e artísticas de todas as pessoas que se identificam como transmasculinas, em sua diversidade de sexualidade, expressão, religiosidade. Propomos um espaço de trocas e produção de conhecimento, livre de demandas academicistas.

Quer enviar  
seu material  
para a revista  
ou citar  
a gente?



**1)** Qualquer tipo de produção pode ser enviada (artigos, ensaios, relatos de experiência, prosas, poesia, textos livres, desenhos, pinturas, fotografias etc.).

**2)** Para fins de organização, recomendamos que os textos sigam o seguinte formato: folha com dimensões A4; margem tamanho Normal; fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1.5.

**2.1)** Os materiais serão formatados diretamente pela equipe da revista, sem consulta prévia a autores.

**3)** As produções devem ser enviadas pelo preenchimento do formulário (disponível no site da revista). Caso haja dificuldades no preenchimento do formulário, deve-se entrar em contato conosco por e-mail ([revistaestudostranviades@gmail.com](mailto:revistaestudostranviades@gmail.com)).

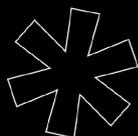
Quer enviar  
seu material  
para a revista  
ou citar  
a gente?

**4)** Aceitamos produções escritas somente em formato Word (doc. ou docx.) e imagens em JPG ou PNG. Atente-se para que as imagens estejam em 300 dpi.

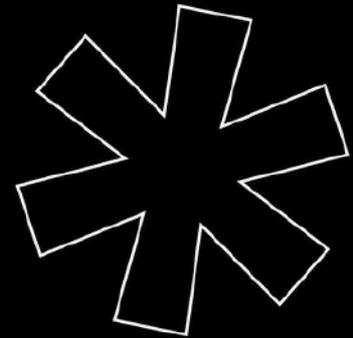
**4.1)** Enviem imagens nomeadas e, se possível, legendadas com a ficha técnica. As legendas devem seguir o seguinte formato: nome de/o autor/e, título da obra, ano que foi produzida, técnica utilizada, tamanho.

**5)** Não aceitamos materiais em formato PDF. Se tivermos dificuldade para abrir o arquivo, entraremos em contato.

**6)** Propomos um máximo 25 páginas de texto (sem contar com referências bibliográficas, notas etc.) e não há mínimo de páginas.



# COMO CITAR A REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES?



SANTOS, Yudi. O futuro das periferias. Revista Estudos Transviades, v. 5, n. 10, 2024. Disponível em: \_\_\_\_\_ Acesso em: (data de acesso).

Incentivamos a divulgação de todos os materiais publicados em nossas edições. Pedimos somente que, em respeito às pessoas autoras, mencionem a origem da obra e os nomes das pessoas autoras.

BRUNO LATINI PFEIL  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Psicólogo (CRP05/71525).  
Mestrando em Filosofia  
(PPGF/UFRJ). Graduando em  
Antropologia (UFF). Pós-graduando  
em Psicanálise e Relações de  
Gênero: Ética, Clínica e Política  
(FAUSP). Coordenador da Revista  
Estudos Transviades.

CELLO LATINI PFEIL  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Doutorando em Filosofia (PPGF/  
UFRJ). Especialista em Teoria  
Psicanalítica Freud-Laciana  
(CEPCOP/USU). Coordenador do  
Núcleo de Pesquisas do Instituto  
Brasileiro de Transmasculinidades  
(IBRAT).

NICOLAS PUSTILNICK  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Psicólogo (CRP: 05/71942)  
formado pela UFRJ. Especializando  
pelo instituto IPPERG. Pesquisador  
pelo grupo BAFO!. Colaborador do  
CRP-RJ.

THÁRCILO LUIZ  
COFUNDADOR E  
COORDENADOR

Graduando em psicologia na  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro. Indígena em retomada do  
povo Pataxó hae-hae-haes.

DANIEL DE BRITO  
COLABORADOR E REVISOR  
PARECERISTA

Bacharel de Direito e pesquisador  
em Ética pelo Departamento de  
Filosofia da Universidade Estadual  
Rio de Janeiro (UERJ).

CAUÊ ASSIS DE MOURA  
COLABORADOR E REVISOR  
PARECERISTA

Gosto de me descrever como um corpo  
trans [que] borda poesia no tecido da vida,  
ando considerando esta minha descrição  
mais bonita. Nasci em Alagoas em 15 de  
junho de 1993 e desde então já fui muitos,  
sou vários, em cada palavra um novo eu.  
Atualmente sou Mestrando em psicologia  
pela Universidade Federal de Alagoas  
(UFAL), integrante do Núcleo de Estudos  
em Diversidade e Política (EDIS/UFAL),  
membro da diretoria executiva do Fórum  
Nacional de Travestis e Transexuais Negras  
e Negros (FONATRANS) e Vice presidente  
da Associação Cultural de Travestis e  
Transexuais de Alagoas (ACTTRANS).  
Alguém que adora viver, ler e escrever  
poesias, compartilhar ideias e afetos [...]

MARIN MATOS  
COLABORADOR E DESIGNER

Marin é diretor de arte, designer e autor dos  
livros “Antes do Sol Nascer” e  
“Reinventando Marias”, ambos  
autopublicados digitalmente e disponíveis  
online.

YAM FRANÇA BECHARA  
COLABORADOR E DESIGNER

Yam é pesquisador, designer e artista.  
Responsável pela diagramação desta  
edição da Revista Estudos Transviades.

# EDITORIAL

EQUIPE EDITORIAL TRANSVIADES

Iniciamos essa edição com muita satisfação por termos chegado ao décimo número da revista! Há 4 anos, quando o projeto se iniciou, não imaginávamos que conseguiríamos ter conhecido tantas pessoas, tantas histórias, tantos trabalhos, produções e projetos que engrandeceram nossas vidas e relações, com as quais pudemos ampliar inclusive o escopo de nossas possibilidades, chegando a realizar e participar de momentos antes inconcebíveis.

Este ano, no dia 3 de Março, tivemos o prazer de presenciar e participar da primeira Marcha Transmasculina do Brasil, que levou aproximadamente 10 mil pessoas às ruas do centro de São Paulo, segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), fazendo com que pudéssemos estar juntas e fortalecer o nosso movimento, ocupar o espaço público, afirmar nossas existências e reivindicar nosso direito de existir. A marcha foi organizada pelo núcleo de São Paulo do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT),

e teve como tema “Homens trans e pessoas transmasculinas existem no passado, no presente e no futuro.” Foi muito potente ver o quanto podemos nos mobilizar na luta contra a marginalização de nossos corpos e pela celebração de nossa pluralidade.

Imbuídos deste contentamento, gostaríamos de agradecer imensamente a todes que nos enviaram suas produções durante esses anos e que confiaram em nosso projeto. Agradecemos, também, às parcerias que firmamos desde o começo.

Apresentaremos, agora, contando com inúmeras produções de autorias muito especiais, os materiais que que enriquecem esse número.

Começamos nossa décima edição com o texto "O Futuro das Periferias", em que Yudi Santos reflete sobre os núcleos de opressão que corpos transmasculinos enfrentam, tais como a família, em contextos periféricos, e faz um apelo para que os discursos sobre gênero e sexualidade não estejam descolados das demandas das

periferias - pois não estão dissociados. Em suas palavras, "pensar o futuro da periferia é um grito o desejo genuíno de que a gente possa construir como estratégia uma forma de organização social distinta da que existe hoje".

Seguimos para as artes de Teco. Por trás de sua arte, estão reflexões sobre a solidão transmasculina, sobre seu sonho de ter uma família e construir uma rede de apoio.

Alexandre da Rocha Santos nos apresenta seu texto "A construção do meu ser", em que narra parte de sua história de vida e sua relação com o esporte, com o racismo, o sexismo e a universidade. Sua trajetória como jogador de futebol explicita situações de discriminação e exclusão que afetam diversos corpos trans, assim como sua trajetória acadêmica na USP. Contudo, a despeito dessas questões, Alexandre escreve sobre seus caminhos para a resistência, especialmente quanto a seu acesso ao ensino superior.

O texto "Sorrisos que marcam", de Victor Coimbra, poeticamente nos transporta para um momento agradável

de conforto e afetividade e, nesse sentimento, passamos para o poema "Como se minha vida acabasse de começar", de Max Reis.

Logo após, o artigo "Cid = Transmasculine: Uma breve autobiografia pandêmica", de Pol Iryo, explora os entrecruzamentos entre a patologização, a autodeterminação e a psiquiatria, tratando especificamente a experiência de Pol Iryo em relação a esses três vetores.

Apresentamos, então, as artes de Tutux, inspiradas em botânica e nas corporalidades trans. Passamos para dois poemas de Kayodê, "Imerso" e "Desabafo de um boyceta". Com a poesia, Kayodê expressa seu cansaço diante de estereótipos e violências racistas, sexistas e LGBTfóbicas que enfrenta em seu cotidiano, em relação ao que significa ser, ou não ser, um homem, uma pessoa trans. Em suas palavras, "eu queria alguém para falar dos amores".

Seguimos para o escrito de Juca Martin, "Corpo - Criatura - Criação", que trata de suas vivências como estudante, como pesquisador e como criador de seu próprio corpo.

Victor Silva Santos nos apresenta fotografias de suas esculturas em argila e artes em colagens digitais, que retratam diferentes corporalidades.

Com Erick Gregner, em seu texto "O nome que quero ser chamado é o meu nome", compreendemos com maior proximidade a importância e as dificuldades em torno da retificação de nome e gênero para pessoas trans.

Em seguida, Lui Trindade nos apresenta sua arte, que constitui a capa da edição, trazendo como elemento instigador uma citação de Paul B. Preciado.

Chloé Brune, com seu relato "Primeira - ou mais antiga - lembrança de recusa à cisnormatividade", compartilha

conosco uma de suas primeiras lembranças da cisnormatividade em sua vida, no ambiente escolar, juntamente com sua reação à desagradável situação.

Passamos, então, para o poema de Marcos V. Belarmino, "Rio e terra", em que o autor escreve de modo abstrato sobre a criação de, em suas palavras, "outra forma de vida". Logo após, recebemos o texto de André Bruno, "Amar Além das Convenções", uma história ficcional sobre a criação de uma família.

E finalizamos com uma tradução do artigo "Um(a) Transvestite Responde uma Feminista", de Lou Sullivan, realizada por Bruno Pfeil, Cauê Assis de Moura e Cello Latini Pfeil.

**BOA LEITURA!**

**YUDI  
SANTOS**

yudisantos414@gmail.com

Sou Yudi Santos, sou um boy trans preto, exerço a transparetalidade sócio afetiva, atuo na militância transmasc desde 2015 entre o ibrat e movimentos transmasc estaduais como AHTM E MOVIHT - PE, estudo gestão pública, também atuo como coordenador do CSAU- VÁRZEA (Comunidade que sustenta a agricultura).



# Yudi Santos

## O FUTURO DAS PERIFERIAS

Yudi Santos

Pobreza, violência e desumanização são três produtos chave do sistema capitalista. Para falar sobre a periferia precisamos, antes de qualquer coisa, encarar esse fato. Isso nos possibilita entender como a vulnerabilidade a qual a periferia no Brasil está submetida não é um produto moral, mas sim de um modelo de sociedade que se organiza a partir de violências sistematizadas, em que o Estado se apresenta como agente destaque na manutenção desse ciclo. Da mesma maneira que é a causa dessa organização genocida, também depende dela para o ciclo continuar. Essa sistematização se revela quando paramos para observar que a nossa periferia tem demarcações de cor, de sexualidade e de gênero. Nessa perspectiva, os corpos trans sobressaem nessa cadeia de marginalização e vulnerabilidade, em camadas de violência tão profundas que pouco são retratadas, sobretudo quando falamos de pessoas transmasculinas.

Corpos transmasculinos vivem às margens dessas camadas, muitas vezes negando a própria existência

uma vez que esta é negada em todos os setores da sociedade civil e institucional. Com o passar dos anos, os homens trans e transmasculinos vêm percebendo outras nuances, aprofundando suas análises sobre a estrutura de opressão que os rodeia e recriando formas de existir. Hoje esses sujeitos apresentam uma noção do seu corpo e do seu território, em diversas esferas e setores da comunidade, mesmo com poucas pesquisas sobre como, estrategicamente, esses corpos sobrevivem dentro de lugares opressores. Pensando nesses lugares, é importante ressaltar a família. A instituição familiar, enquanto núcleo de reprodução social, é fundamental para a manutenção do sistema capitalista – que essencialmente é a própria estrutura de opressões.

É fato que a instituição familiar nasce na perspectiva de individualizar cuidados essenciais que deveriam ser garantidos pelo Estado, de forma coletiva. Quanto maior a vulnerabilidade numa parcela da população, maior a relação de dependência desse núcleo. Essa é a realidade da nossa periferia. Uma relação de dependência forçada causada por falta de oportunidade,

de autoestima e de autonomia, fazem da instituição familiar o primeiro lugar opressor de destaque quando pensamos na realidade de pessoas trans, sobretudo periféricas. Visto que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e que tem um dos maiores índices de suicídio de pessoas transmasculinas, maior que o índice englobando toda a população cisgênera, é importante lembrar que a periferia foi o local onde Dandara foi assassinada a pauladas e pedradas, onde Pipiu foi brutalmente assassinada e onde Jair foi encontrado morto com suas partes íntimas expostas, agonizando. Onde foi gravado um vídeo, que circulou na sua comunidade, com uma voz no fundo dizendo que “ele não é homem”. Como pensar no futuro vendo os meus e as minhas morrendo todos os dias?! Tarefa um tanto desafiadora.

É difícil pensar que ainda assim temos que evoluir muito no debate, que ainda existem muitas questões sociais para serem tratadas dentro da periferia e a transfobia é uma delas. A ideia de refletir sobre o futuro da periferia é intrigante, mesmo pensando em ações como a do Voz das Comunidades, no complexo do alemão, onde foram doados 5 mil livros, entendendo a educação como estratégia

de mudança social. Mas como pensar na educação como “salvação” se a classe trabalhadora começa a pegar no batente desde criança, se o acesso à escola é tão restrito. Muitas vezes é impossível acreditar que podemos ter um futuro que não seja tão precarizado, desde cedo trabalhando ou tendo que ir para escola para conseguir minimamente um prato de comida. Como pensar no futuro da periferia através das táticas limitadas dentro do capitalismo?

Muito foi falado sobre as manobras do sistema que jogam à periferia uma herança de reprodução de opressão, de pobreza e morte. Mas temos que lembrar que, sobretudo por esses mesmos motivos, nossa juventude de periferia carrega um potencial de revolta fundamental à organização da nossa luta por melhores condições de vida, à luta da classe trabalhadora. Construindo este lugar de resistência, a periferia, além de suas vulnerabilidades, traz à tona todas as suas potencialidades, mostrando cada vez mais que esse lugar de violência não nos pertence. Mas nos é empurrado por um projeto capitalista, imperialista e liberal. E por isso existimos, resistimos e lutamos todos os dias. Porque entendemos que não basta sobreviver

dia após dia. Entendemos que sim, lutamos por melhorias de vida da nossa população, mas que é necessária uma ruptura desse sistema. Porque entendemos que essa ruptura só acontece quando a gente se organiza em torno das nossas pautas comuns.

Enquanto não discutimos essas questões que atravessam a vida da classe trabalhadora de forma profunda, a periferia e outras pautas trazendo à tona o capitalismo, a coisa não anda e a possibilidade de um futuro digno fica cada dia mais distante. Pensando agora, no momento que vivemos da era bolsonarista e com o crescimento de uma onda nazista no país, precisamos traçar táticas concretas de como discutir sobre toda essa conjuntura tenebrosa. Discutir sobre a ação truculenta da polícia, sobre essa onda bolsonarista que vem carregado de discurso de ódio. Precisamos entender que dentro das periferias existe também o Seu Zé bolsonarista, que foi levado pelo antipetismo sem pensar como sua vida é atravessada de tudo que Bolsonaro e seus empresários pregam – cumprindo seu papel enquanto Estado, de garantir o ciclo de sangue.

Quando a gente pensa em ações como a entrega de

livros, mas não só isso, a gente conversa com o coroa da barraca e com a vizinha fofoqueira da outra rua, quando a gente senta com a juventude depois da pelada trazendo em uma linguagem de fácil acesso, quando falamos com a pessoa trans e/ou travesti que está na BR trabalhando como profissional do sexo, é possível pensar em multiplicadores de ideias revolucionárias. É olhar pra nossa periferia, não como uma massa abstrata, mas como um grupo conciso de pessoas que desejam um mundo novo e a partir disso construir possibilidades de pensar no avanço do acesso a informações críticas. Nessa perspectiva, podemos nos organizar em diversas frentes de ação, como o movimento comunitário, que atualmente é o mais envolvido com a pauta periférica. Entender junto com os líderes comunitários como se lê um processo licitatório, como acessar e utilizar a nosso favor o Portal da Transparência. Promover ações que expliquem pra irmã da igreja qual o papel do legislativo e executivo, explicar o que é o comunismo e o que de fato ele prega. Temos muito trabalho, muitas lutas para travar, muitas questões a tratar, mas a principal é como vamos caminhar depois que entendermos o real motivo da precarização, pobreza, dentre outros marcadores sociais.

Com essa rede de multiplicadores, que vão atuar nas mais diversas formas de expressão, podemos pensar em como essa organização é fundamental num caminho rumo a uma revolução, para destruir o capital e construir uma proposta de vida que a classe trabalhadora tome a frente das suas trincheiras de lutas e garantindo o direito de viver bem, sem ter que escolher entre a conta do cartão de crédito e o prato de comida. Que as pessoas LGBT periféricas consigam ter seus direitos garantidos e que o povo preto pare de ser assassinado sistematicamente. Que a perspectiva deixe de ser daqui a quantas horas morrerá mais um dos meus.

Pensar o futuro da periferia é um gritar o desejo genuíno de que a gente possa construir como estratégia uma forma de organização social distinta da que existe hoje. Que tenhamos possibilidades iguais para seguir estudando, pesquisando, trabalhando, construindo uma ideia de comunidade e que a opressão não mais seja uma determinação em nossas vidas.

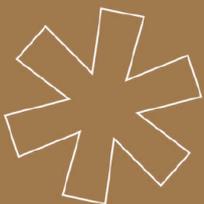
Yudi Luiz Silva dos Santos.

# TECO

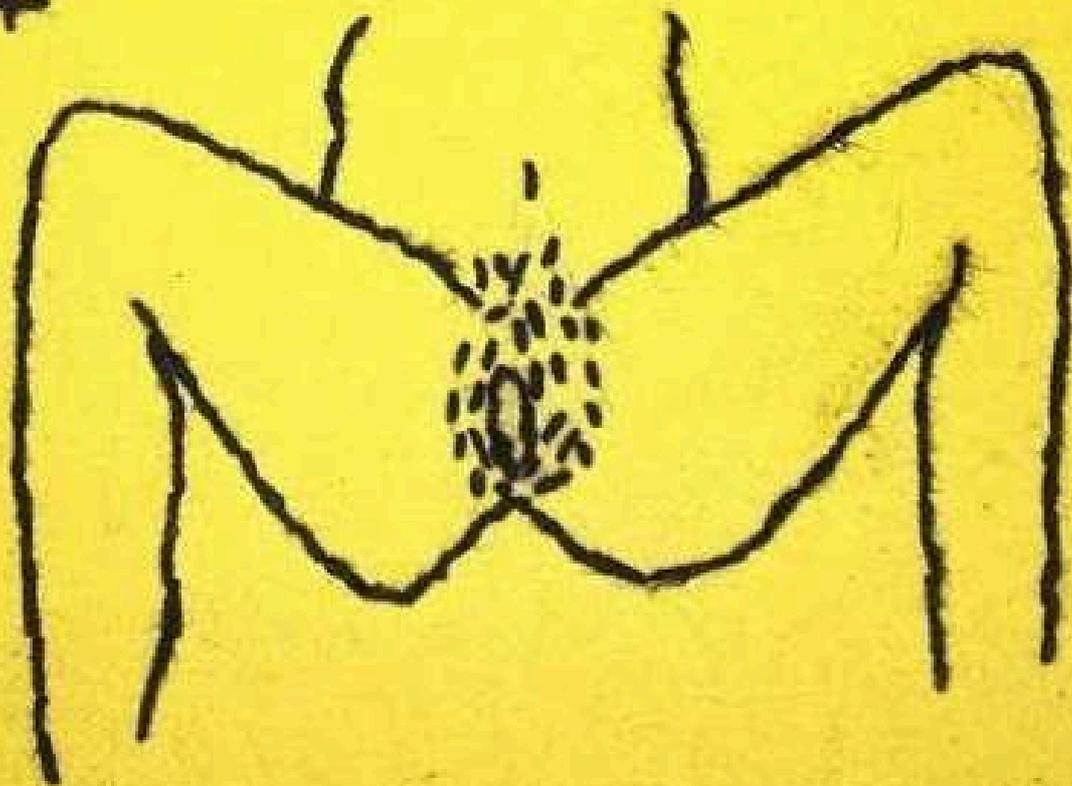
theoxpmedeiros@gmail.com

Me chamo Theo Cabral, sou artista visual independente, bartender nas horas vagas, transmasculino e periférico. Trabalho com todo tipo de arte e estou tentando me inserir no mercado de trabalho como designer gráfico também. Não tive muitas oportunidades mas estou agarrando todas que vejo pela frente. Luto por todo tipo de ativismo social, desde à fome, porque a fome também é professora, até todas as outras causas sociais.

Penso muito sobre a solidão transmasculina e tudo o que a transexualidade me tirou. Sonho em ter uma família, construir família e gerar e finalmente poder ser feliz tendo uma rede de apoio que não tive em minha trajetória.



# Teco

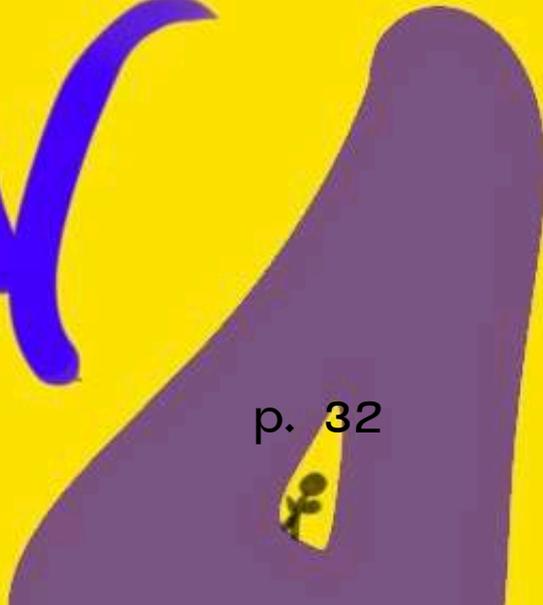


Não  
PERTENÇO

NÃO

LuGAR

REPORTAR NÃO



**ALEXANDRE  
DA ROCHA  
SANTOS**

[darochasantos.alex@gmail.com](mailto:darochasantos.alex@gmail.com)

Alexandre Santos (Ele/Dele) é transmasculino não binário, faz parte do time Meninos Bons de Bola, licenciando em ciências sociais e pesquisador de questões de gênero e raça.



# Alexandre da Rocha Santos

## A CONSTRUÇÃO DO MEU SER

Alexandre da Rocha Santos

Educação e família.

Em 2019, ingressei no curso de ciências sociais via Sistema de Seleção Unificada (SISU) na Universidade de São Paulo (USP). Me mudei para São Paulo e comecei a cursar o bacharelado e a licenciatura. Desde o início desse percurso, fui me envolvendo nas áreas de conhecimento das ciências humanas e atualmente estou realizando estágio na área educativa na Pinacoteca de São Paulo e fazendo iniciação científica através de uma bolsa do Programa Unificado de Bolsas (PUB). No ensino médio cursei magistério, me recordo de participar de um seminário apresentando minha interpretação da leitura de um livro que tratava sobre as desigualdades e falava de preconceito racial na escola. Entre outras leituras sobre a prática pedagógica, sempre me instigou o fato de que a ação de educar transforma o mundo, seja eu aprendendo ou ensinando, e trocando com outras pessoas. Mas também, estudando educação percebi que ela tem o efeito de reforçar a estrutura social. São questões que me interessam, e gosto de

aprender porque se eu for atuar com docência, que seja um professor com uma boa formação. Recordando a minha experiência na educação, realizei atividades docentes na educação infantil - ensino primário e fundamental - quando estava no magistério. Entretanto, eu tinha vontade e não sei dizer se ela ainda persiste, de dar aula no ensino médio ou na universidade. Mas, desde 2016 não realizo mais nenhuma atividade docente. Estou terminando meu bacharelado e a licenciatura com intenção de atuar com docência no ensino médio e mais pra frente quem sabe no ensino superior.

A questão da desigualdade social atravessa minha vivência, então estar na universidade buscando trilhar esse caminho é uma atividade que exerço faz um tempo, e para isso busco compreender a realidade. Como já bem apontava Lélia Gonzalez (2020, p.76), "para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira", sobre o racismo e sexismo presentes na cultura brasileira e como eles circunscrevem noções negativas a respeito do povo preto, a autora fala principalmente da mulher negra e as noções vinculadas a ela, da designação do exercício de

trabalhos manuais e a hipersexualização desse corpo. Esses são papéis sociais designados pela lógica da dominação para quem é preto e nasce com vagina, que seria o dito sexo feminino normativo. O povo preto no Brasil vive majoritariamente nos lugares mais desfavorecidos e em sua maioria é pobre. Para além disso, vivemos num contexto em que há ainda o racismo, há presença de discursos de uma ideologia de embranquecimento que seria "a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais" (GONZALEZ, 2020, p. 89), há apagamento das culturas ameríndias e africanas, há quem acredite ainda na existência da democracia racial.

Ademais, quando penso na minha relação com a minha família, hoje vejo nitidamente como fui influenciado pelos meus pais professores, pois estou cursando licenciatura e cursei magistério já indo na direção da docência, mesmo sem ter certeza se era realmente uma vontade minha. Pensando nos detalhes do cotidiano que vivia com eles, meu pai e minha mãe, lembro de muitas horas de trabalho que ficavam fora, das atividades pedagógicas que exerciam em casa, das prateleiras sempre cheias de livros que eles volta e meia

revisitavam para seus trabalhos. Na infância, estudei durante 4 anos na mesma escola em que minha mãe leciona, então tinha uma proximidade com a ocupação docente. Vejo que meu corpo foi acostumado ao espaço escolar com muito engajamento por conta da minha profunda admiração pelos meus pais. Na minha trajetória tive contato desde criança ao universo pedagógico, porém, em relação à leitura, nunca fui leitor assíduo. Agora, adulto, tenho lido com mais frequência e vontade por conta da faculdade.

Um ponto interessante de se analisar é o dinheiro, pois ele delimita o acesso a diferentes tipos de experiências para os indivíduos, se minha família não tem dinheiro para sobreviver minimamente, não tem como pensar além de como conseguir garantir a continuidade da vida. Esse aspecto é muito significativo em minha trajetória, pois venho de uma família pobre, nunca passei fome, sempre tive o que comer, e além disso, tive junto aos meus pais e familiares condições de me dedicar aos estudos, mas isso é um diferencial se eu parar para analisar as famílias vizinhas da vila onde eu morava com meus pais. Além disso, condições precárias na estrutura do domicílio e problemas sociais como a drogadição ou

violência física/simbólica sempre estiveram presentes na minha relação com a família, e foram questões que me fizeram questionar a dedicação à escola. Analogamente, uma criança que tem uma família que precisa pensar primeiramente no dinheiro e não consegue pensar no futuro e planejar ações que permitam melhores condições de vida, tende a maiores chances de não ter uma longa e boa vivência escolar.

Desde pequeno tive convivência com o meio escolar e meus pais sempre pediram que eu não frequentasse lugares que pudessem me levar para o mal caminho (para eles frequentar as festas no bairro com o pessoal que tinha vínculo com drogas era um passo para arruinar minha trajetória, mas nós sempre moramos nesse bairro e sempre tivemos convivência próxima, mesmo que não diretamente). Há ainda uma pontuação muito importante, a de que tive a presença de um pai e de uma mãe, o que não acontece em todas as famílias e esse fator tem muito peso na renda, nas relações afetivas familiares, na estabilidade, no apoio e nas condições de acesso e permanência a uma educação de qualidade.

## Futebol.

Jogo futebol desde a infância. Não me lembro como foi a primeira vez que tive interesse em praticar o esporte, mas foi na praça de campo de areia na esquina da casa dos meus pais que joguei muitas vezes e descobri certamente ali o prazer de jogar bola. Meu irmão diz que ele me ensinou a jogar futebol e eu não me recordo de ter sequer jogado bola com ele. Meu pai sei que não foi o responsável, pois não bate nada de bola, assim como minha mãe. Meu pai gosta mesmo é de tecnologia, dança, música, filmes e boas conversas. Minha mãe gosta de artesanatos em geral e de vinho.

O esporte apareceu para mim na infância. Jogava bola todos os dias na praça com meus amigos vizinhos e parentes. Estudávamos a maioria na mesma escola e passávamos grande parte do dia juntos. Eu e os meninos éramos muito conectados, sempre a bola nos unia. Fizemos teste para entrar em clubes de futebol juntos, passei uns tempos jogando com alguns desses amigos de infância no time da Siemens, uma antiga empresa multinacional localizada perto da casa dos meus pais. Além disso, sempre estava jogando bola nos espaços escolares e me divertia muito.

Não lembro também quando foi o primeiro incômodo que senti nos espaços de socialização, mas tenho memórias de muitas ofensas que ouvi quando era criança e adolescente que me deixaram desconfortáveis. Não foi só uma vez que escutei que aquele não era meu lugar, pois quem joga futebol é só menino cisgênero. Assim como não foi só uma vez que ouvi em minha direção a qualificação de piação [1], cabelo ruim, cabelo duro, pixaim, feiosa, sapatão, encardida, bandido, entre outras palavras que me foram direcionadas na intenção de diminuir minha presença em certos espaços ou mesmo provocar a minha existência. Durante muito tempo escutei tais ofensas e guardei para mim as palavras, pensava muito no significado das palavras e achava que tinha realmente algo de errado comigo. Esses discursos, hoje eu entendo que cabem na forma de pensamento descrita por Preciado,

"Tecnologia e sexo são categorias estratégicas no discurso antropológico europeu e colonialista. Nele, a masculinidade foi descrita em função de sua relação com os dispositivos tecnológicos, enquanto a feminilidade foi definida em função de sua disponibilidade sexual. Mas a 'reprodução sexual', aparentemente confinada à natureza e ao corpo das mulheres, está 'contaminada' desde o começo pelas tecnologias culturais, tais como as práticas específicas da sexualidade, os regimes de contracepção e de aborto, os tratamentos médicos e religiosos do parto etc". (PRECIADO, 2014, p. 149)

Ou seja, há espaços em que o exercício normativo é o da masculinidade, ele é o humano universal ideal e o natural é ligado à feminilidade.

Depois do time da Siemens, comecei a jogar futebol feminino no time do Atlético Paranaense. Com falta de direcionamento de recursos para manter o time feminino, ele acabou sendo encerrado e assim comecei a jogar para o Paraná Clube. Nesses dois últimos clubes, tive a oportunidade de jogar algumas vezes o campeonato paranaense. Era muito bom competir e viajar com as meninas, nós passávamos dias fora da cidade de moradia dos meus pais e eu não ficava muito tempo com a minha família. O time do Paraná também se desfez por falta de estrutura e na época eu tinha uns 17 anos e estava começando a procurar meu primeiro emprego.

Eu sabia que queria jogar bola, mas não ganhava dinheiro para isso. Entrei num projeto social intitulado Colombo Futsal feminino, localizado na região metropolitana de Curitiba. Novamente pude participar do campeonato estadual e também participei pela primeira vez de um campeonato nacional. No time dessa época, tive o processo de início de descobrimento de minha

sexualidade e identidade de gênero. O primeiro passo foi aceitar meu interesse afetivo sexual em pessoas do gênero feminino. No time, nenhuma das integrantes falava abertamente sobre suas relações homoafetivas e nem demonstravam esse afeto de maneira explícita nos ambientes de convivência. Quando toquei no assunto falando abertamente sobre meu interesse, a técnica não gostou. Depois que fiz a experimentação de raspar meu cabelo e apareci no treino, essa mesma treinadora falou que estava virando rebelde sem causa, como se estivesse fazendo algo errado. Essa memória não esqueço.

Em 2018, rompi o ligamento em um jogo contra o time de Guarapuava. Me afastei do time e fiquei totalmente focado nos estudos. Foi nesse ano que me entendi enquanto uma pessoa transvestigênera [2]. Foi conversando com um amigo próximo da época e me olhando profundamente que me descobri. Saí definitivamente do Colombo Futsal, passei um tempo trabalhando na auto aceitação e em como jogar pro mundo aquilo que estava dentro de mim, no meu corpo.

Na faculdade, passei o primeiro ano jogando no time

feminino da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e no da USP, participei de campeonatos universitários estaduais, nacionais e internacionais. Mas foi o último ano em que estive em um time formado só por membras do gênero feminino. Hoje participo de um grupo de futebol para pessoas trans masculinas, o Meninos Bons de Bola [3]. Creio que a vivência com esse grupo me proporcionou compartilhar minha experiência levando em consideração uma dimensão pedagógica e o restante da minha bagagem de vida. Como disse Preciado (2018) "por meio da reapropriação estratégica de aparelhos de biotecnologia que se torna possível inventar a resistência, arriscar uma revolução" (p. 362).

### **Caminhos de (r)existência.**

A questão da não existência de dons, e sim de condições desiguais a diferentes pessoas de acordo com os marcadores sociais da diferença.

Parando para pensar na minha trajetória, de origem pobre, pais professores, vejo que muitas mudanças se

deram pela minha incessante busca por melhores condições de vida que teoricamente se materializam através da educação e pela conquista do diploma de ensino superior.

A USP é uma instituição de ensino superior elitista desde sua fundação, que veio a adotar ações afirmativas como reparação histórica há poucos anos. Pela minha experiência até o quarto ano de graduação, essa Universidade é responsável pela formação de profissionais bem posicionados na sociedade, o status de possuir vínculo com a USP proporciona acessos que eu nunca tive anteriormente. Atualmente estou estagiando e tem sido uma experiência interessante, principalmente quando comparo a outras experiências de trabalho que tive no passado.

Penso na trajetória de famílias que têm condições de pagar escola particular para crianças e adolescentes da família, já garantem que essa pessoa cresça e consiga acessar uma instituição de ensino superior (IES) por ter tido educação de qualidade. Agora, para pessoas sem condições de acesso à educação particular, por exemplo, que acessam a educação pública e tem grandes chances de ter um ensino que não é de exce-

lência, dificilmente acessam a USP ou outras IES de boa qualidade.

Tive acesso ao ensino superior e isso para mim é uma grande conquista e uma porta de entrada para várias oportunidades na minha vida. O estudo de questões de gênero me fazem visualizar possibilidades de existência outras também, da que faço o meu ser possibilidade de transformação nos espaços de sociabilidade que frequento. Ser tudo aquilo que ninguém esperava que eu fosse.

## Notas

[1] Piação é o aumentativo de piá, que significa pessoa do gênero masculino. Mas nesse caso era usado de forma pejorativa.

[2] Todas identidades de homens e mulheres trans, travestis, pessoas trans não binárias, pessoas que fogem do CISTema. Sistema com CIS, de cisgênero, pessoa que não é trans.

[3] Para saber mais sobre o time, acesse a página no Instagram:<https://www.instagram.com/meninosbonsdebolafc/>

## **Referências bibliográficas**

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro latino americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Beatriz B. Manifesto contrassexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 edições, 2018.

**DANIEL  
POLICASTRO**

2764-8133

p. 49



[danielepolicastro@gmail.com](mailto:danielepolicastro@gmail.com)

Transmasculino, artista e tatuador.  
Formado em design, reformulado por mim e em  
constante transformação.



# Daniel Policastro



made

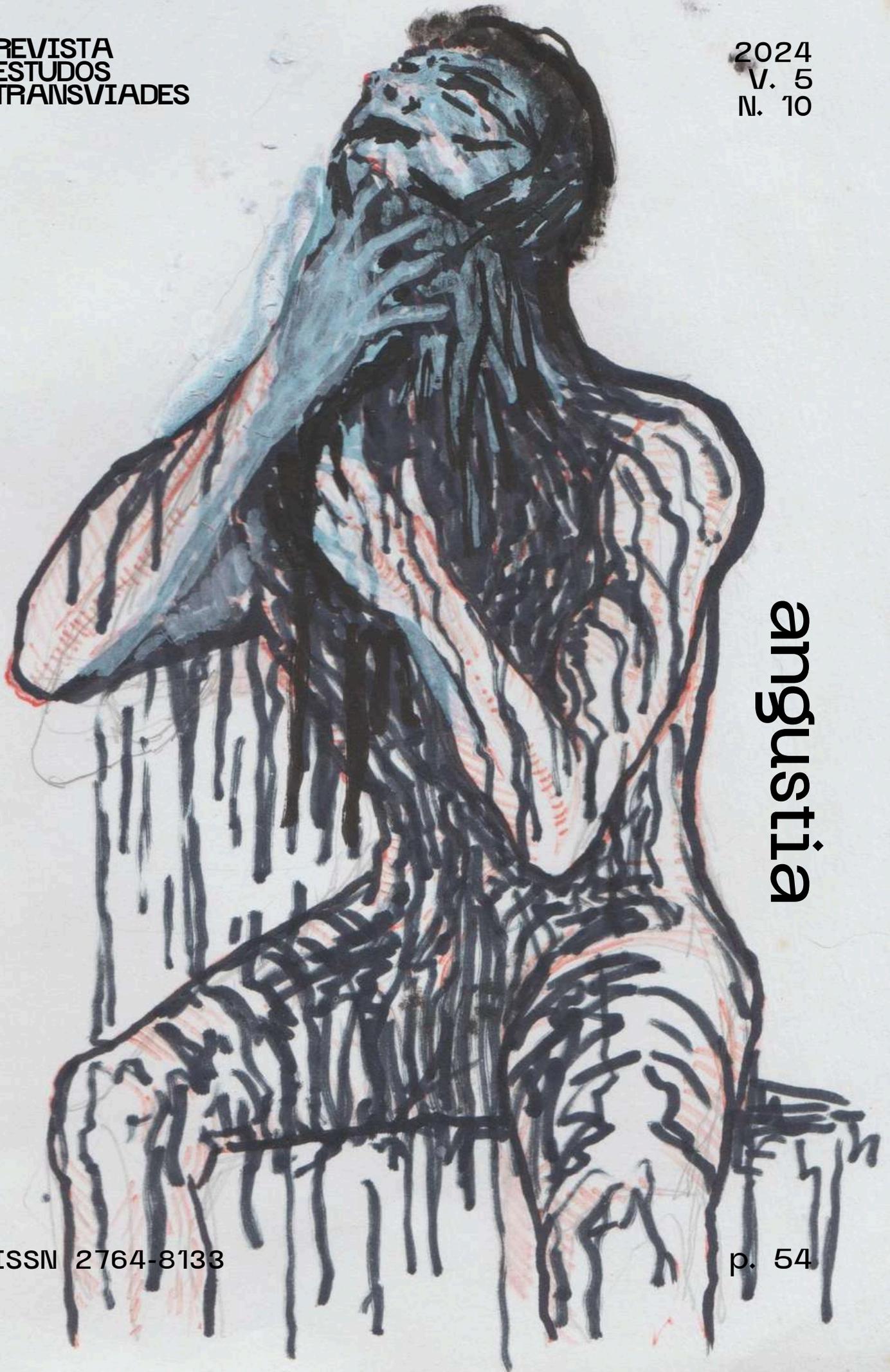
LIVRAI-NOS  
DA CULPA  
CRISTÃ,  
AMÉM.

livrai-nos





**esboço**



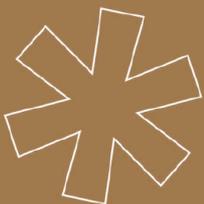
angustia



**VICTOR  
COIMBRA**

victorhugocoimbra80@gmail.com

Formado em Rádio e TV; Poeta e compositor. Participo de diversas antologias poéticas, pela @editoracontoslivres, de uma quadrologia, sendo a edição Vivendo a Primavera, o terceiro; @Literabooks; @Tomaaiumpoema, escrevi a introdução do livro O amor é gigante.



# Victor Coimbra

## SORRISOS QUE MARCAM

Victor Coimbra

O cheiro do café desperta meu paladar, dizendo pra mim, hoje faz cinco anos que estou aqui contigo. Andando pra cima e pra baixo, habitando essa pele que tão bem me recebeu.

O sorriso que trazia no peito, marcava uma espera de muitos anos. Trinta e oito, para ser mais preciso, para que eu pudesse me abrir para o nascer do sol. Idas e voltas em consultas com diversos especialistas, que sempre me perguntavam, se eu estava certo do que eu estava fazendo...

Tão certo como uma flecha em busca do alvo, eu respondia monossilabicamente um sim. Sim, de ser quem sou. Sim, de me ver refletido nessa pele. Sim, é o que mais quero nesse tempo. Ansioso por cada dia, hora e minuto que me sentia encoberto por uma capa, no respingar de memórias.

**MAX  
REIS**

maxreis.1@outlook.com

Graduando de Ciências Sociais, militante no Coletivo Xica Manicongo do IFCS, membro do Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias da UFRJ e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e Relações Sul-Sul.



**Max Reis**

# COMO SE MINHA VIDA ACABASSE DE COMEÇAR

Max Reis

E eu que ainda me surpreendo  
Quando a gente se encontra  
Em similaridades que pensei não existir  
Quando era tão sozinho  
Tão fechado em mim mesmo  
Fadado a vagar  
Tanto tempo longe de mim

A estranheza que escondia  
Apesar de tudo, aparecia  
Mesmo com as performances  
Os ensaios  
Os olhos de lince sempre me pegavam  
Nada estava bom  
Nada convencia  
E eu me sentia um bobo  
Com aquelas risadinhas  
Das meninas que nunca  
Pareciam me entender

A dor do não lugar  
Por pouco não me leva  
Brota a esperança de achar  
Um sentido que me pertença

Num mundo como esse  
Tão cruel para nós  
Eu não me negaria nem mais um minuto  
Para fingir encaixar num modelo imperfeito

Um alívio no peito me invade  
Quando vejo quem eu construí  
Quando alguém me chama pelo meu nome  
Pequeno, simples  
(Max)  
Coube como luva!  
Como se já estivesse reservado para mim  
Às vezes até esqueço  
Que um dia não fui assim

**POL  
IRYO**

pdmiryo@gmail.com

Pol Iryo é transmasculino não-binário(ele/elu), amarelo, multi-artista, professor e pesquisador. Graduado no Bacharelado em Ciências e Humanidades pela UFABC, cursa Filosofia e Políticas Públicas na mesma universidade. Integra o Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia (UFABC) e o UFABCuir: grupo de estudo e escrita (CNPQ/UFABC). Faz parte do projeto de Memória e História LGBTQ+ no ABC (UFABC). É educador no Projeto de Educação Popular coordenado pela Rede Amalgamar no Centro de Cidadania LGBTQ Claudia Wonder.



**Pol Iryo**

# CID = TRANSMASCULINE: UMA BREVE AUTOBIOGRAFIA PANDÊMICA

Pol Iryo

## São Bernardo do Campo. Agosto de 2022.

Nome: Pol Debb Miki Iryo Silva	Sexo: Feminino	Data de Re- nascimento: 24/11/2021
Signo Solar: Touro	Lua: Leão	Ascendente: Capricórnio
Geração: Z	Cor: Amarela	Local de Nascimento: São Paulo

*“Me tornei um emaranhado de energia que estava prestes a explodir como uma bomba relógio, só que ao invés de ponteiros um completo “nada” ocupava as medidas pré explosão” (15/06 , Segunda Prescrição)*

Leio calmamente alguns registros feitos no diário da disciplina “Corpo, Sexualidade e Questões de Gênero” ministrada por Marília Mello Pisani durante o segundo quadrimestre de 2022 no campus de São Bernardo na UFABC. Sinto uma sensação esquisita, como se eu tivesse revivendo duas experiências simultaneamente,

distintas no espaço/tempo, aquela que eu tive na pandemia e aquela que eu tive ao escrever sobre ela durante o mês de junho e julho, quando começava o quadrimestre de retorno presencial à UFABC após dois longos anos de ensino à distância. Ao longo da disciplina foram feitas algumas prescrições estratégicas para engatilhar a escrita, por isso nos fragmentos retirados do diário menciono eles, mas não senti a necessidade de explicitá-los.

Sou uma pessoa neuro divergente e esta informação é super importante para entender o porquê de eu ter estruturado meu texto de forma um tanto quanto peculiar. Mas considerei adequado, visto que a pandemia do COVID 19 também foi um evento um tanto quanto peculiar. Optei por analisá-la através desta ótica neuroatípica e seus desdobramentos ao longo do isolamento, abordando, também, meu processo de transição de gênero.

*“Tanta coisa me aconteceu na quarentena que é difícil listar todos os des/aprendizados. Uma pessoa bissexual, transmasculina, borderline, TDAH, que acabou de sair do Ensino Médio, trancafiada em um apartamento com a mãe e o irmão”.(27/07)*

## **CID 10 - F31 Transtorno Afetivo Bipolar**

*“Estava em um período confuso da minha vida. Tinha acabado de sair do ensino médio, as possibilidades eram infinitas, me sentia livre, pela primeira vez na vida eu podia realmente decidir o que fazer, onde, quando, como {...} As oscilações de humor que existiam, e eram frequentes, pré pandemia se intensificaram” (Primeira prescrição 06/06/2022)*

Sim, esse era eu quando começou a pandemia. Tinha acabado de concluir o ensino médio, uma rebeldia imensurável, louco para conhecer o mundo e a vida, ainda não (totalmente) ciente da transgeneridade. Parece até uma narrativa de ficção científica distópica que em um período tão juvenil e cheio de potência, tenha surgido algo tão surreal como a pandemia do covid-19. Mas aconteceu, o início das lives do Atila Iamarino - biólogo, doutor em microbiologia e divulgador científico -, os números de casos/mortes subindo drasticamente a cada jornal nacional e as correntes fúteis do instagram se tornando cada vez mais comuns. Atribuía às oscilações de humor a idade, isolamento repentino e minha intensa paixão da época, mas ela não parecia ser algo comum, ninguém ao meu redor parecia sentir as coisas da forma que eu sentia, já fazia um tempo que percebia experienciar a vida de um modo não tão comum, alguém que sente as coisas de modo

diferente das demais, mas nunca tinha estado tão intenso quanto no período de isolamento, era como se enquanto o caos reinava no mundo, outro tipo de caos se instaurava no meu ser. Suspeitava de ser bipolar, mas apenas testes online não podiam me confirmar com certeza isso. Então continuei minha vida, que foi piorando drasticamente ao longo das semanas. Após alguns meses de quarentena as mudanças de humor estavam insuportáveis, variando como se fosse água, em agosto de 2020 postei nos “amigos próximos” do meu instagram que meu gráfico emocional estava em intensa oscilação, parecia quase um batimento cardíaco.

### **CID 10 – F60.8 Outros transtornos específicos da personalidade (ou melhor, Transtorno de mutações pandêmicas na personalidade)**

*“Eu tava completamente arrasado. As distinções entre realidade e imaginação se tornavam cada vez mais turvas, as horas de sono aumentavam exponencialmente, era difícil saber se estava acordado ou sonhando” (45/07)*

Era um estado crítico de quarentena, os pensamentos eram muitos.

A compreensão da vida já não era uma tarefa fácil antes do apocalipse,  
mas de repente, se tornou impossível.

Eu não sabia meu diagnóstico, isso me angustiava.

Por que essa obsessão com classificação?

Qual será? Qual será?

Abro a lista CID 10 e começo a averiguar os diversos transtornos de humor e personalidade.

Algum desses eu tenho que ter.

Como eu tenho um transtorno e não sei dizer qual é?

Será que eu vou ser assim para sempre?

A psicóloga disse que já sabe o que é, porque ela não me disse?

Será que é grave?

Vai afetar minha autonomia?

O que vai ser da minha vida profissional?

Já sei porque ela tava tão misteriosa.

Eu sei meu transtorno.

Definitivamente é esse.

É raro, mas é esse.

Eu tenho certeza.

Quero chorar.

Quero ser normal.

Não aguento mais.

Por que eu sou assim?

Por que eu sou assim?

## **CID 10 – F60.3 Transtorno da Personalidade Borderline**

*“Acredito que me apaixonar completamente e me entregar ao sentimento de corpo e alma tenha sido o primeiro ato -meio desesperado, sem dúvidas - que eu tomei na quarentena. Um mergulho em águas rasas que quase me levou ao meu fim. Mas eu sobrevivi e desde então passei o resto de quarentena atrás de modos de viver que se rebelassem contra essa pulsão de morte que me perseguia como se fosse minha própria sombra.” (18/07, prescrição 6)*

Ter o transtorno borderline na vida pré pandêmica não é fácil, imagine ter este transtorno, sem saber, em plena juventude, preso em um apartamento de 5 cômodos sendo obrigado a dividir as áreas comunitárias com seu irmão. Se todo mundo surtou um pouco, arrisco dizer que pessoas neuro divergentes surtaram ainda mais. Não falo isso apenas pela minha experiência, mas ouvi relatos de amigos que também desabafam sobre essa realidade. Reconheço o meu privilégio de classe que me permitiu ficar em casa, por mais que eu estivesse enlouquecendo com o enclausuramento, sei que foi melhor do que me arriscar diariamente saindo de casa para trabalhar.

As notícias trágicas preenchem cada mídia social e veículo de informação, a instabilidade borderline parecia

ser intensificada a cada segundo, lembro de delírios recheados de insegurança e conspirações sobre as pessoas não gostarem realmente de mim, o medo de abandono não parecia mais apenas um receio ilusório, mas uma realidade. Chorava repentinamente, assistindo a coisas aleatórias, até jogando vídeo game as lágrimas caíam, era como se eu enxergasse melancolia em todo lugar, levantar da cama era uma missão impossível. Mas em oposição, quando eu estava feliz era como êxtase, sentia a potência vital me mover e criar coisas incríveis, desde arte até projetos sociais, era uma energia difícil de conter nos meus 1,67 cm de altura, era como se o desejo de viver emanasse de mim e ressoasse para todos os cantos daquele apartamento de 60m<sup>2</sup>.

Não existiam apenas flutuações no interior, mas também no exterior.

Quem sou eu? O que eu gosto? Como minha aparência deve ser? Maquiagem? Binder? Roupas mais largas? Roupas mais curtas? Cada dia eu escolhia um jeito de me vestir, e o espelho era minha melhor companhia. Foi bom tirar um tempo pra me olhar todo dia, mesmo que obrigatoriamente, ver meu corpo e como eu podia modificá-lo me era mágico.

Entre dias bons e horríveis eu tentava sobreviver,

percebi que as oscilações pioravam quando os meus laços afetivos eram abalados, um ciclo vicioso de pensamentos auto-depreciativos surgia, os momentos de sofrimento começaram a se tornar cada vez mais recorrentes com o afastamento dos poucos amigos que consegui manter, hábitos autodestrutivos começaram a aumentar. As sessões de terapia não pareciam ter efeito, foi quando os remédios se tornaram essenciais para um simples levantar da cama.

Sem mais dúvidas, a decisão parecia óbvia, os sintomas eram evidentes

Veredito final: Transtorno de Personalidade Borderline.

## **CID 10 - R48.0 Dislexia e Alexia**

*“Nunca entendi direito o xingamento ‘sapatão’, nunca me senti isso, nem pronunciar a palavra em voz alta conseguia. Não creio que tenha sido por me sentir super agredido, mas porque não fazia sentido para mim. Agora os xingamentos capacitistas que recebia me atravessavam profundamente, me angustiavam, desestabilizavam. Quando me insultavam/faziam piadas com minha dicção, ortografia, dificuldade com organização, raciocínio fora do padrão, em suma, formas diferentes de se interpretar o mundo e entender o conhecimento” (entre o dia 20 e 25 de agosto, prescrição 8)*

Nunca me dei bem com a língua portuguesa, talvez por isso sempre beijo mais bocas estrangeiras - brincadeira, mas não podia perder a piada. Ortografia sempre foi

meu fraco, por mais que eu gostasse das atividades voltadas à comunicação. Na quarentena isso piorou. Era como se ficar tanto tempo em frente a telas azuis, digitando, digitando, digitando, digitando, digitando, tivesse contribuído para voltar ao tempo em que as sílabas fracas e fortes pareciam iguais. O corretor automático também me lançou para época que não sabia distinguir a fala da escrita e suas peculiares letras que emitem quase os mesmos çons.

### **CID 10 - J87.8 Sapatão**

O trecho que eu selecionei acima inicia com uma questão que comecei a desenvolver em meio a pandemia, sobre como a identidade sapatão nunca me contemplou por inteiro, hoje eu entendo com mais clareza que provavelmente é porque eu nunca fui sapatão, mas eu não conhecia a transmasculinidade, então era o que me restava, mesmo sendo bissexual e sempre tendo ficado com mais meninos, o que obviamente me causava confusão. Escrevi um poema na oficina de escrita que aconteceu como parte da programação do mês do orgulho LGBTQIA+ na UFABC em 2021 ministrada por Beto Canseco, claro que de

modo online. Este poema marca o início, talvez, de indagações que poucos meses depois resultaram na minha descoberta como uma pessoa trans masculina. Ficar trancado em casa, sem poder conhecer outras pessoas fisicamente, tornou extremamente difícil entender a transgeneridade como uma possibilidade. Desconstruí muitas coisas com leituras, mas foi graças a minhas amigades trans que entendi que eu poderia ser algo além da binaridade homem/mulher, uma transição que poderia ter sido menos sofrida se não fosse pelo isolamento.

“Existem mulheres Lésbicas.  
Quando criança tinha medo desta palavra.  
Até um passado muito recente não ousava falar em voz  
alta.  
Até hoje tenho certa dificuldade.  
Até hoje censuro ela em meus pensamentos.  
Gay, homossexual, viado, conseguia falar normalmente.  
Mas lésbica, não.  
Nem o termo sapatão.  
Mas por que?  
Nem eu sei.  
Ou talvez eu saiba.  
Sempre fui a criança sapata.  
Jogava futebol, não gostava de maquiagem  
nem roupas muito “coladas”, preferia os carrinhos.  
Com 9 anos cortei meu cabelo curto.  
Com 10 anos me forcei a deixá-lo crescer.

Com 11 anos me forcei a brincar de boneca.  
Com 12 anos me forcei a comprar revistas para  
adolescentes.  
Com 13 anos me apaixonei.  
Com 13 anos falei pra minha mãe que não era hétero.  
Com 13 anos comecei a entender como amava.  
Com 13 anos descobri a não monogamia.  
Com 13 anos nunca me senti tão sozinha”  
(30 de junho de 2021)

## **CID 10 – F90.0 Distúrbio da atividade e da atenção**

*“Nesse momento estou super ansioso, estressado, a cada dia que passa as demandas acumulam, os sintomas de TDAH estão me torturando, além das mudanças que a transição de gênero vêm me proporcionando. Às vezes parece que eu estou no meio de uma casa pegando fogo, tentando manter a calma.” (08/07, prescrição 4)*

Esse transtorno surgiu recentemente na minha vida.

Nunca tinha passado pela minha cabeça, afinal, se eu tivesse ele deveria ter sido diagnosticado na infância. Mas percebi que na verdade tinha uma imagem super estereotipada do que parecia ser. Depois de longas conversas com meu psiquiatra, percebi dificuldades extremas com coisas tidas como “simples” no cotidiano. Percebi que muitos dos sintomas estavam mascarados ou acreditava ser apenas preguiça por minha parte. Mas algumas experiências do ensino remoto desarmaram as grandes

barricadas e criações que fiz para sobreviver ao longo da minha vida.

Não conseguia de jeito nenhum manter uma rotina de estudos, nem assistir às aulas por chamada de vídeo. Tinha estratégias para lidar com a desatenção aos estudos no ensino presencial, mas quando isso mudou repentinamente para as quatro paredes do meu quarto, as coisas não saíram dos trilhos, mas explodiram. Nunca consegui adquirir o hábito da leitura, li poucos livros até chegar na universidade, por mais que tenha feito alguns esforços ao longo da vida. Mas a falta de atenção nas vídeo aulas me obrigaram a ler. Mas quem disse que eu conseguia realizar longas leituras? Demorava uma eternidade para terminar os livros, sempre emendava com outras atividades e deixava tudo pela metade.

As tentativas de listas não foram poucas, organizava tudo certinho no papel, mas a noção de tempo distorcida que o TDAH me proporciona gerava projetos surreais que eram até divertidos de planejar, mas inconcretizáveis. Insegurança atrás de insegurança. Me sentia um total fracasso, sentia muita raiva, parecia que havia fracassado em tudo na vida, não conseguia

estudar, não conseguia manter relações duradouras, não conseguia me sentir confortável no meu corpo, não conseguia me adequar a cultura japonesa, não conseguia ter uma vida normal.

A autocrítica cresce conforme a frustração.

### **CID 10 – Z73.0 Esgotamento (Burn-Out)**

*"o desanimo muitas vezes toma conta do meu ser. Tenho dificuldade para dormir. Tenho dificuldade para acordar. Até as coisas divertidas me geram extremo cansaço" (8/07 , prescrição 4)*

*"não me recordo ao certo meu sonho {...} Medo de expor o outro. Auto-cobrança e extrema exigência." (13/07)*

Dificuldade em priorizar as coisas e falta de organização. Preocupação excessiva. Uma avalanche de pensamentos em looping na cabeça. Hipersensibilidade. Sentimento de estar fazendo menos do que deveria. Será que é preguiça ou esgotamento, Dificuldade em manter as coisas organizadas. Auto cobrança. Exigências e expectativas fora do espectro humano. Sono desregulado. Será que to muito feminino? Má alimentação. Falta de atividade física. Dificuldade em manter as coisas organizadas. Me perdi. Tempo de lazer inexistente. Transformação de todas as atividades em

obrigação. Sobrecarregar-se de compromissos. Será que to muito masculino? Instabilidade emocional. Hipersensibilidade. Gastei demais. Deixar de tomar a medicação para constatar que ainda preciso dela. Perdi mais um prazo. Exigências e expectativas fora do espectro humano. Deixar de fazer coisas por medo de conseguir. Para de drama. To sendo muito imaturo.

## **CID 10 - F64 Transtorno da Identidade Sexual**

*“Meu espelho foi meu grande companheiro, sempre gostei muito de me olhar, sempre fui muito vaidoso, creio que durante esses últimos 2 anos mudei muitas vezes ele de lugar, sempre buscando a melhor posição para me olhar. Acho que passei a me observar mais, estar em constante auto-observação fez com que me torna-se mais vaidoso e passasse a entender como me expressar de um modo que eu me sentisse mais confortável” (21/06 , prescrição)*

Sempre tive muita resistência em utilizar remédios psiquiátricos, até que eles se tornaram necessários. Mas o que ninguém me disse é que eles poderiam ser substituídos por 250 mg/ml de undecilato de testosterona.

*“As questões de gênero começaram a surgir e o medo pela violência invadem meus sonhos até hoje. Muitos deles estou passando por situações transfóbicas, humilhações e solidão {...} As vezes tenho a sensação que nem na vida, nem no sonho, tenho paz” (11/07, prescrição 5)*

# TUTUX



thomaslaranda45@gmail.com

Thomas Laranda, também conhecido como Tutux é uma pessoa transmaculina, negra de 22 anos, natural de Recife, Pernambuco. É técnico em Artes visuais formado pela ETE Professor Alfredo Freyre no ano de 2022, artista plástico, grafiteiro e modelo independente. Tutux visa as temáticas de diversidade e natureza em suas obras, expressando sua identidade, valores e sua vivência.



**Tutux**







O meu processo criativo é voltado para desconstrução das narrativas sagradas e sistematizadas, naturalizando genitais humanas e corpos trans coligando com a arte botânica. Minhas obras também conversam sobre outros temas, como religião, buscando sempre expressar a minha intimidade e o meu conhecimento.

**Tutux**



# KAYODÊ

andradekayode@gmail.com

Kayodê, um boyceta preto de 23 anos, artista cênico, poeta, performance, modelo. Atuo no meio artístico coloco minha arte em forma de protesto e como desabafo social mostrando como é ser um homem trans na sociedade. Atualmente faço parte da cultura ballroom Rj. Caminho em categorias de estéticas onde também coloco meu corpo como protesto e celebro a vivência dos meus semelhantes. Tendo como objetivo ser referências para outros corpos Transmasculines pretos toda vez que me coloco nos bailes servindo minha realidade trans, meu realnes.



**Kayodê**

Eu tô cansado  
Cansado  
Revirado  
Totalmente esgotado  
As pessoas me encaram  
Seria a tal da passabilidade  
Um homem negro  
Negro  
Negro  
Eles pensam com medo  
Eles olham com seriedade  
Me diz qual a necessidade  
São violentos os olhares  
Massacram  
E eu tô cansado  
E ainda tenho que seguir o papel  
Do bofe preto  
Da cor do pecado  
Do piru marcado  
Da voz grossa  
E do bigode navalhado  
Sim  
O tal do Preto requisitado  
Se não em wakanda não vai ser liberado  
Eu já nasci meio q como eles dizem  
Afeminado  
Muitos chamam de viado

P não parecer ofensivo  
As vezes me dizem  
Traços afeminados  
Toda hora taxado de alguma coisa  
São vários os títulos  
Novamente eu te digo  
Eu tô cansado  
Eu tô muito cansado  
A cabeça um turbilhão  
E o corpo parado  
Imerso  
Parei

## DESABAFO DE UMI BOYCETA

Kayodê

Eu queria alguém pra falar dos amores  
Das dores  
Dos tormentos que invadem  
De como tá doendo  
Doendo mesmo  
É muita coisa acumulada  
É ser homem  
Eh ter barba  
Eh ter que falar grosso  
Se ajeita  
Tem que ser posturado  
Tem que ser o tal do  
Preto malandro  
O negão  
Aquele que provém  
Mas que no sigilo  
Se pergunta se um dia vai ganhar uma rosa  
É kkkk uma rosa  
Meu sonho é ganhar uma rosa  
Daquelas cenas lindas de romance  
Tipo, a dona Florinda  
Olha a referência  
Mas eu tenho sonhos românticos  
De realmente ser aceito por alguém  
Eu via muitos desenhos da Disney  
Acho que eh por isso que eu acredito em conto de fadas  
E finais felizes

A portrait of a young man with short dark hair, a nose ring, and a small earring, wearing a dark blue t-shirt. The background is a plain, light-colored wall.

**JUCA  
MARTINS**

[martinsjuca54@gmail.com](mailto:martinsjuca54@gmail.com)

Sou o Juca, transmasculino não binário, branco, tenho 26 anos e sou psicólogo. Assim como as transidentidades são múltiplas precisamos de práticas múltiplas de cuidado. A produção de saúde pede a articulação de uma rede, composta por diversos setores, inclusive arte, cultura e política. Saúde mental se faz e se pensa com muitos. Escrever sobre nós, entre nós e para nós é saúde. É escrever uma história onde podemos existir. Acredito que através de coletivos, de movimentos sociais e de luta popular podemos sonhar e acreditar na execução de políticas públicas que criem possibilidades de vivências múltiplas.



# Juca Martins

## CORPO - CRIATURA - CRIAÇÃO

Juca Martins

Se eu crio algo novo não é para que você compreenda  
mas é para caber minha vivência  
me permito a experiência  
que não cabe a uma ciência  
novas palavras surgem  
me atento a elas  
a cada nomeação  
abertura para novas possibilidades  
não é sobre limitações

Já fui estudante mas estudava coisas que não me  
faziam sentido  
já quis ser pesquisador mas para isso várias normas  
foram impostas  
já fui tantas coisas mas nenhuma delas eu sei falar  
na verdade nem falar eu sabia, mas hoje me encontra  
nessa escrita

Os livros, os guias, os mestres, os mitos  
era a busca, a falsa busca, do falso desejo  
fantasia em acreditar que algo ou alguém poderia me  
dizer  
que poder entregue ao outro

Hoje estudo e pesquiso, aqui dentro  
sou um grande estudante dos meus pensamentos e  
desejos  
um pesquisar em construção dos meus sonhos e  
anseios

Me guio por outros sim, sempre buscando referências,  
dos parecidos comigo  
que vem construindo terrenos outros,  
que hoje caminho com delicadeza e cuidado  
respeito e admiração  
os leio, os escuto, os amo  
os acho lindos  
e quando olho no espelho também me acho  
somos reflexos

Meus olhos marejam  
faço do meu corpo criatura  
criação de mim  
nele produzo  
frutos de muita pesquisa  
novos olhares e querereres

eu dou nome as minhas produções  
faço minhas referências  
não as ponho a venda  
meu existir é caro  
custa muito  
todo dia faço os cálculos  
e a conta nunca fecha  
não espero que o CISTema as pague  
porque para eles a solução é: os apague!

eu quero é não precisar calcular  
os custos de nossas existências  
materiais, subjetivos, sentimentais

quero que juntos criemos  
com nossos corpos criaturas  
novos mundos e imaginários  
corpos criaturas  
de muita produção e criação de ARTE  
arte de TRANSmutação  
NOSSA EXISTÊNCIA É ARTE  
cria pontes, mundos e possibilidade de VIDA

Juca Martins.

REVISTA  
ESTUDOS  
TRANSVIADES

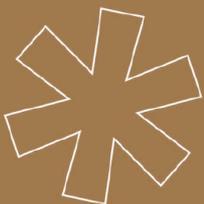
2024  
V. 5  
N. 10

**VICTOR  
SILVA  
SANTOS**

ISSN 2764-8133

p. 94

victorssil.ufrb@gmail.com



Estudante de artes visuais pela universidade federal do reconcavo da Bahia. Trabalho produzido esculturas e desenhos com temas diversos, mas boa parte do conteúdo direcionado a acontecimentos em meu cotidiano o que inclui a minha transgeneridade e muito conteúdo sobre o nu , o corpo no mundo e ses atravessamentos.

# Victor Silva Santos











Quando me volto para o processo de criar, não tem muito mistério. Quando se trata de desenhar ou pintar eu busco uma imagem de referência que possua algo que eu desejo na pintura ou desenho, ou tiro algumas fotos minhas modelando a expressão que quero captar, daí em diante acrescento elementos na imagem que corresponde ao que sinto e desejo representar. Já com as esculturas que faço em argila, posso dizer que tenho certa obsessão por modelar corpos nus, talvez pela liberdade de poder moldá-los a minha maneira.

**Victor Silva Santos**



**ERICK  
GREGNER**

erickgregner@gmail.com

Erick Gregner, instigado pela literatura, pela semiótica e pelos estudos de gênero está em experimentação na educação, na comunicação e nas artes.



# Erick Gregner

# O NOME QUE QUERO SER CHAMADO É O MEU NOME

Erick Gregner

Há alguns dias estou comemorando a compra do meu nome. Agradeço à quens cava(ra)m espaço, abrindo caminhos - não os mais justos, mas os mais possíveis.

Se hoje não fosse ontem, abriria precedente no Direito inserindo na certidão de nascimento o "sexo transmasculino". Seria o mínimo de reconhecimento, descrição e inserção das nossas vidas na burrocracia, porque essa historinha de "somos todos iguais" MAS só se inscrevem nos autos dos processos Históricos a cisgeneridade Não cola Não!

Diz, por que que eu, transmasculino-boyceta-sapatão-homemTrans do corpo com útero que exige atenção médica constante, e peitos que são determinantes do comportamento social - do outro e próprio - devo aceitar o nosso silenciamento e apagamento pra ter validade pelo Extado de extermínio a minha constituição?

Não é pouco, não.

(Só) a taxa do cartório de registro civil foi 130 lajô, e até

as certidões disponíveis online eu tive que levar impressas.

250 dinheiros vivos apagaram dois nomes trocados por um, e substituíram um equívoco de gênero por outro - que ainda não tenho certeza - mas me parece de proporção similar o estrago.

Ainda assim, comemorei(mos)!

07 de janeiro de 2019, São Carlos/SP, Brasil.

**LUI  
TRINDADE**

luiluitrindade@gmail.com

Lui Trindade é artista carioca, não-binária, nascida em 1998. Pós-graduanda em Arte: Crítica e Curadoria pela PUC-SP, possui graduação em Artes Visuais (Licenciatura) pela FAAP-SP, tendo cursado Produção Cultural pela FETARERJ. Dentre sua formação complementar, destaca os cursos livres realizados na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), Art Manager pela EBAC e da Orientação Artística mediada por Ana Paula Cohen e Thiago Honório.

Partindo da própria imagem como referência, utiliza a pintura como linguagem possível de apresentação do trânsito entre os sentidos, gerados e retidos, pelo dinamismo cotidiano quando em contato com o corpo. A autoreferência explicita a compreensão do corpo como um espaço-plataforma que elabora as experiências de maneira diluída e fluida, cujas sensações dançam entre as concepções binárias de interno e externo, consciente e inconsciente etc, transgredindo-as. Atualmente reside no Rio de Janeiro, cidade onde trabalha e integra o grupo de pesquisa "Um Século", mediado por Fábila Schnoor.



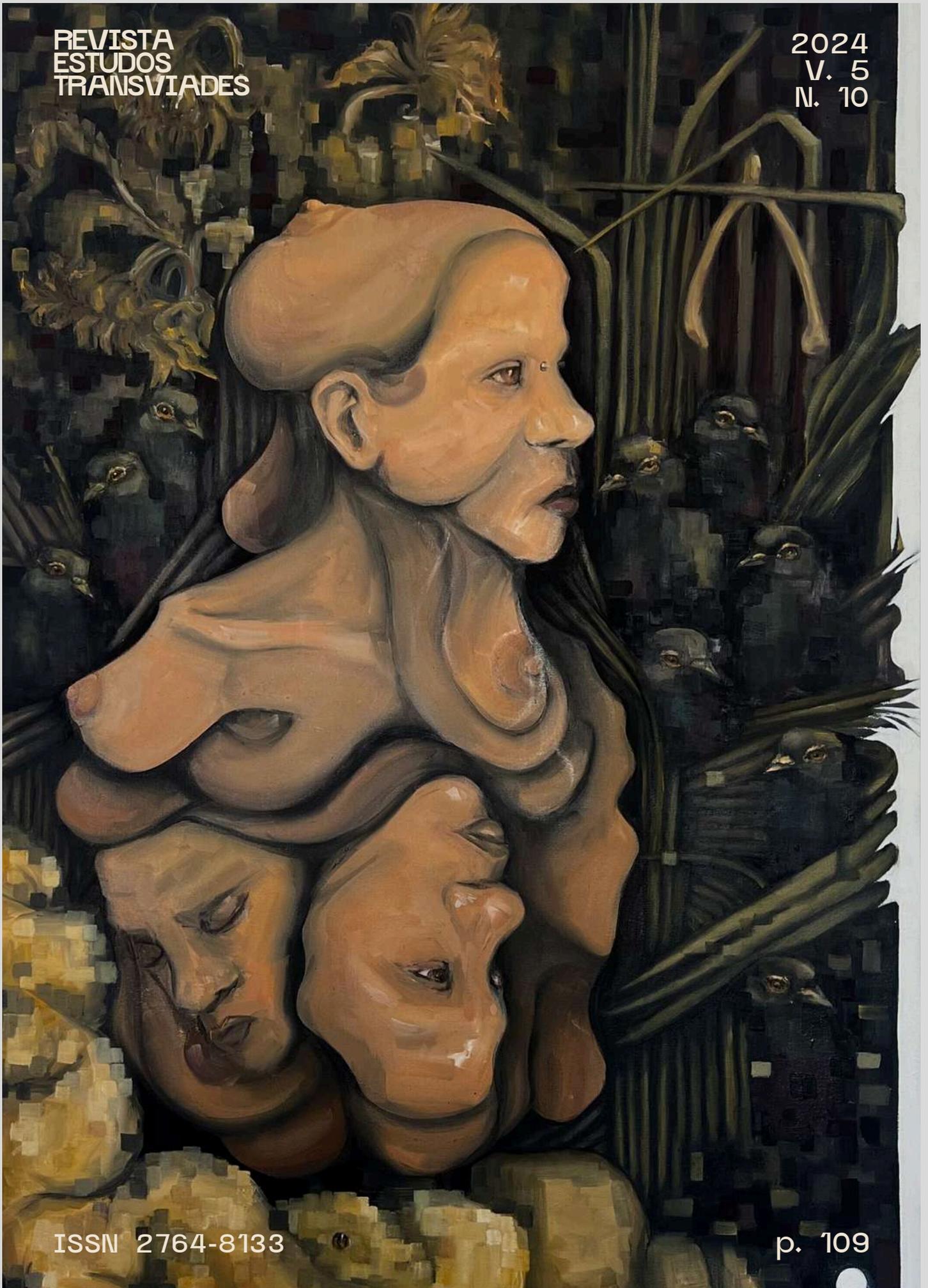
## Lui Trindade

Título: Dysphoria Mundi  
Técnica: Óleo sobre tela  
Dimensões: 90 x 60 cm  
Ano: 2024

“Dentro, fora. Cheio, vazio. Seguro, tóxico. Masculino, feminino. Branco, negro. Humano, animal. Nacional, estrangeiro. Cultura, natureza. Público, privado, Orgânico, mecânico. Centro, periferia. Aqui, ali. Analógico, digital. Vivo, morto. [...] O sujeito da modernidade se torce e retorce, se desarticula, se fere, não dá uma dentro, evapora, descasca, descalabra, muda. [...] Os limites de tudo, dos corpos e do terra, estão sendo violenta e rapidamente redesenhados.”  
(Paul B. Preciado)

Preciado, Paul B. Dysphoria Mundi: O som do mundo desmoronando. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

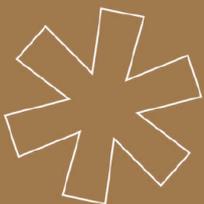
# Lui Trindade



**CHLOÉ  
BRUNE**

chloebrunebr@gmail.com

Chloé Brune é artista, trans não binarie e gonçalense. Mestrando em estudos contemporâneos das artes na UFF, sua pesquisa e produções artísticas pretendem investigar, aprofundar e questionar as dimensões da arte, de gênero e da sexualidade e seus desdobramentos poético-políticos.



# Chloé Brune

## PRIMEIRA - OU MAIS ANTIGA - LEMBRANÇA DE RECUSA À CISNORMATIVIDADE

Chloé Brune

Lembro que eu estava ainda no ensino fundamental quando isso aconteceu. Era dia da turma ser fotografada para o álbum de formatura. A criançada toda reunida e arrumada para esse grande dia. Nos divertimos e posamos para diversas fotos naquela manhã. Tudo ocorria dentro da mais perfeita normalidade. Já estávamos para finalizar depois de um bom tempo de fotografias e filmagens quando tudo desandou.

A turma toda seguiu para a área da quadra de futebol. As professoras resolveram então separar a turma para as últimas imagens. “Todos os meninos sentem na arquibancada para a foto” e assim fiquei com o restante da turma para esperar a nossa vez. “Agora as meninas” e lá fui eu me sentar com as meninas. Foi então que uma das professoras disse “meninas, cruzem as pernas”. Juro, eu não sei o que me deu na cabeça esse dia. Gostaria muito de lembrar o que se passava na cabecinha da criança que eu fui aos 10 anos de idade.

Lembro apenas de permanecer na exata posição que eu estava sentada (como todos os meninos tiraram as fotos e como uma parte das meninas estavam antes do pedido). Não lembro se o fotógrafo, alguma das professoras ou alguma das meninas que percebeu primeiro. Sei que rapidamente estavam todos tentando me convencer a cruzar a perna para fazer a foto. A essa altura já estávamos mais tempo na arquibancada que os meninos ficaram.

Eu seguia me recusando a cruzar as pernas. Lembro de alguém falar com um leve tom ameaçador “só você vai ficar assim”. Acho que todo mundo sabe como crianças podem ser cruéis com outras que não se enquadram às normas. Apesar das piadas ácidas que já estavam rolando entre as meninas, segui firme em minha decisão.

E foi assim que tenho fotografado a minha primeira - ou mais antiga - lembrança de recusa a cisnormatividade.

**MARCOS V.  
BELARMINO**

[belarmino.marcosv@gmail.com](mailto:belarmino.marcosv@gmail.com)

Sou Artista plástico, Poeta e atualmente estudo Psicologia e Psicanálise com um olhar político Antimanicomial. Acredito que na arte e na escrita podemos narrar nossa própria história de vida, criar nossa realidade, fazer a mágicka da vida



**Marcos V.  
Belarmino**

## RIO E TERRA

Marcos V. Belarmino

No silêncio das margens, onde o Rio encontra a Terra, ele caminha, expandindo as dimensões de sua mente, onde a loucura não passa de um manto conveniente tecido por mãos e palavras manipuladoras do poder.

Seus passos são fluidos, como o barco que desliza suavemente pelas águas, enquanto a loucura, como a água que cura, encontra seus caminhos entre os espaços da alma.

Ele quebrou o feitiço colonial imposto, derretendo as correntes do julgamento. Encontrou a verdade na serenidade do fluxo eterno.

Caos  
Quando vi  
Me tornei autor de minha própria realidade  
E não outros as ditavam mais por mim  
Eu dito as palavras  
Eu crio os símbolos  
Eu sou o criador que cria  
E recria uma outra forma de vida.

**ANDRÉ  
BRUNO**

andrea.dasilva@uni9.edu.br

André é uma pessoa transmasculina, CODA (filho ouvinte de pais Surdos) e autista. Técnico em Regência pela ETEC de Artes em 2017. Graduado no curso de Licenciatura em História pela Universidade Nove de Julho (2020), do qual foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência - PIBID (2018). Ministrou uma aula sobre a História dos Surdos no curso de Cultura Surda e Libras ofertado pelo Programa de Educação Tutorial - PET Música UNESP (UNESP, 2019). Especializado em Tradução e Interpretação Libras- Português, pela Universidade Estácio de Sá (2022). Cursou o programa de extensão em Sinais Internacionais, pela Universidade de Caxias do Sul (2020), e Educação e Projetos de Educação Bilingue de Surdos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2022). Como docente, atuou no colégio bilíngue de Surdos SELI em 2021, ministrando aulas de História para alunos Surdos, Surdos Autistas e Surdos com Deficiência Intelectual do 6º ao 9º ano. Atualmente está como intérprete de libras-português no ICOM, um serviço prestado à Associação dos Amigos Metroviários dos Excepcionais (AME), o qual atende Surdos e empresas parceiras de todo país, realizando a intermediação entre Surdos e ouvintes. Integra o Grupo de Estudos Bilingues em Ciências Humanas pela UNIFESP, e está cursando Segunda Licenciatura em Letras-Espanhol pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (2023). Além da vida profissional e acadêmica, é ativista militante pelo direito das pessoas Surdas, neurodivergentes e LGBTQIA+.



## André Bruno

## AMAR ALÉM DAS CONVENÇÕES

André Bruno

Em uma pequena cidade no interior de São Paulo, na década de 1952, onde a economia era regida pela agricultura familiar cafeeira, viviam Aninha e Jacira, inseparáveis amigas desde a infância. Brincavam e estudavam juntas, compartilhando sonhos e segredos.

No entanto, à medida que a adolescência chegava, Aninha começou a sentir-se envergonhada e pressionada pelas expectativas da sociedade e de sua família. As mudanças em seu corpo a deixavam desconfortável, principalmente o crescimento dos seios. Ela não se via no papel de mulher e não conseguia imaginar um futuro dentro das convenções estabelecidas.

Cansada das cobranças e sem perspectivas, Aninha decidiu planejar sua fuga. Aproveitando o dia do casamento de seu irmão Geraldo, enquanto todos estavam envolvidos na festa, ela escolheu partir para a capital. Jacira percebeu a movimentação de Aninha e tentou impedi-la, mas Aninha assegurou que a amizade delas permaneceria e que um dia se encontrariam.

No dia seguinte, quando a mãe de Aninha, Dona Cida, foi acordá-la para tomar café, deparou-se com a cama vazia e um bilhete de despedida. O desespero tomou conta de Dona Cida, e ela e seus filhos saíram pela vizinhança em busca de notícias de Aninha, mas já era tarde demais.

Oito anos se passaram desde então, e uma nova figura surgiu na cidade: o Padre Mirovaldo, um sacerdote e médico vindo da capital. Sua simpatia e carisma conquistaram rapidamente o coração da comunidade, e Jacira, que se tornara parteira, começou a trabalhar com o padre, auxiliando em partos de gestantes de alto risco.

Uma conexão especial surgiu entre Jacira e o Padre Mirovaldo, como se conhecessem há anos. Aos poucos, a amizade foi se transformando em algo mais profundo, e Jacira não conseguiu mais conter seus sentimentos. Ela confessou ao padre seu amor, revelando a intensidade de seus sentimentos e a dificuldade em controlá-los.

Tomado pela confiança que Jacira depositava nele, o Padre Mirovaldo decidiu compartilhar sua verdade com ela. Ele revelou que as cicatrizes em forma de sorriso

abaixo de seu peito eram resultado de uma cirurgia para retirada dos seios, pois ele era Aninha, a melhor amiga de infância de Jacira. Aninha havia fugido para viver sua vida de acordo com sua identidade verdadeira.

Jacira ficou atônita, tentando processar todas as informações. O padre explicou que fazia um tratamento hormonal com o auxílio de uma clínica clandestina para desenvolver características masculinas, como o crescimento da barba. Jacira, ainda incrédula, decidiu silenciar suas dúvidas e permitir que o tempo esclarecesse tudo.

Padre Mirovaldo, preocupado com a reação de Jacira, foi buscar um copo d'água na cozinha para acalmá-la. Ao retornar, Jacira o abraçou com força, expressando sua felicidade por vê-lo bem e de volta à cidade. O abraço se transformou em um beijo, e a paixão entre eles foi inevitável.

No entanto, o telefone tocou interrompendo o momento íntimo do casal. Era um chamado urgente para que o padre e Jacira fossem à roça, pois Marilícia, irmã de Mirovaldo e não sabia que ele era Aninha, estava em

trabalho de parto. Rapidamente, eles chegaram ao local, onde encontraram a mãe e a irmã de Mirovaldo.

O parto de Marília apresentou complicações, com o cordão umbilical enrolado no pescoço do bebê. Com habilidade e dedicação, Mirovaldo e Jacira conseguiram trazer a criança ao mundo, salvando a vida do recém-nascido.

Marília, emocionada e grata pelo trabalho do médico e da parteira, pediu a eles que escolhessem um nome para o bebê. Jacira e Mirovaldo, encantados com o momento, escolheram o nome Antônio. Marília, que era mãe viúva após a morte do marido, expressou sua confiança em Mirovaldo, pedindo que ele cuidasse bem do pequeno Antônio caso algo lhe acontecesse.

Enquanto Dona Cida e Jacira tentavam tranquilizar Marília, a manhã seguinte trouxe uma tragédia. Marília acordou com fortes dores e sangramento. O Padre Mirovaldo foi chamado às pressas, mas quando chegou, Marília já estava à beira da morte. Com suas últimas palavras, ela pediu ao irmão que cuidasse de Antônio.

Dona Cida olhou para Mirovaldo, desolada, e viu-o ajoelhado no chão, chorando a perda de sua irmã. Jacira chegou pouco depois, chorando junto aos dois. Todos estavam tomados pela dor da perda, mas o pequeno Antônio precisava deles.

Os meses se passaram desde a tragédia, e Mirovaldo cuidava do pequeno Antônio com o apoio de Jacira. Em um momento de desabafo, Jacira expressou seu desejo de viver uma vida fora das obrigações sociais e religiosas, propondo que eles se mudassem para outro lugar e construíssem uma vida juntos, longe dos possíveis olhares julgadores.

No entanto, Mirovaldo considerou a importância de Antônio ter uma conexão com seus familiares e sua avó. Ele decidiu permanecer na cidade, mesmo que isso significasse renunciar a algumas liberdades. Jacira ficou entristecida, mas Mirovaldo garantiu que eles poderiam viver seu amor ali mesmo, superando as expectativas da sociedade.

Algumas semanas depois, o padre abdicou da batina e deixou seu serviço como sacerdote, mas continuou

atuando como médico na cidade. Com documentos falsificados, ele e Jacira conseguiram se casar sem problemas. Juntos, eles abriram uma clínica para cuidar da população local, trazendo esperança e apoio à comunidade.

Jacira, Mirovaldo e o pequeno Antônio formaram uma família única e especial, aprendendo a amar além das convenções. A vida na pequena cidade seguia seu curso, e a história de amor e coragem de Mirovaldo e Jacira ecoava pelos campos cafeeiras, mostrando que o amor verdadeiro sempre encontra o seu caminho, mesmo em meio aos desafios e expectativas.

# Tradução

Tradução para língua portuguesa do ensaio “A Transvestite Answers a Feminist”, de Lou Sullivan, originalmente publicado em 2006 no livro “The transgender studies reader”, da editora Taylor & Francis Group, e organizado por Susan Stryker e Stephen Whittle.

Tradução realizada por: Bruno Latini Pfeil, Cauê Assis de Moura e Cello Latini Pfeil, editores da Revista Estudos Transviades.

**Lou Sullivan**

# UM(A) TRANSVESTITE RESPONDE UMA FEMINISTA<sup>[1]</sup>

Lou Sullivan

Tradução: Bruno Latini Pfeil  
Cauê Assis de Moura  
Cello Latini Pfeil

Tradução para língua portuguesa do ensaio "A Transvestite Answers a Feminist", de Lou Sullivan, originalmente publicado em 2006 no livro "The transgender studies reader", da editora Taylor & Francis Group, e organizado por Susan Stryker e Stephen Whittle.

## Apresentação dos tradutores

Lou Sullivan foi um homem trans gay, escritor e ativista, que esteve diretamente ligado à construção da comunidade transmasculina nos Estados Unidos durante a década de 1980. O grupo de apoio para pessoas transmasculinas que Sullivan fundou em 1986 funcionava a partir de duas iniciativas principais: reuniões periódicas na cidade de São Francisco (CA) e a edição e circulação de boletins informativos por todo o país. Com o passar do tempo, o grupo se transformou em uma organização internacional chamada *FTM Internacional* (LIMA, 2022). Sullivan nasceu na cidade de

Milwaukee, Wisconsin, em 16 de junho de 1951 e escreveu diários durante trinta anos, dos seus 10 anos de idade até sua morte, em 1991, por complicações relacionadas ao HIV/AIDS. Os relatos autobiográficos de seus diários compõem parte importante de seu legado enquanto ativista (STRYKER, 1999).

Partindo de sua própria experiência, Lou Sullivan atuou ativamente em prol dos direitos da população trans, mergulhou em estudos, biografias e documentos médicos, em busca de informações sobre pessoas trans e mais especificamente sobre homens trans gays (RODEMEYER, 2018). No decorrer da sua vivência enquanto ativista, passou a realizar falas em instituições de ensino e em programas de TV, abordando a complexidade e variedade de formas de ser uma pessoa trans. Essas falas somam-se aos seus textos em uma batalha contra-discursiva à reação de profissionais da medicina que invalidaram a existência de homens trans gays. Embasando-se em um modelo de análise de verificação da transexualidade, que foi construído a partir de uma perspectiva heteronormativa. Ao construir essa reação, Sullivan foi precursor ao apontar a distinção que

anos depois tomaria os estudos acadêmicos norte-americanos - entre identidade de gênero e orientação sexual (LIMA, 2022).

No início da década de 1970, Sullivan trabalhou como secretário do departamento de línguas Eslavas no campus de Milwaukee da Universidade de Wisconsin, e integrou o *Gay People's Union* (GPU), onde começou seu ativismo. Foi no jornal informativo dessa organização, o “GPU news”, que ele iniciou a publicação de seus ensaios políticos. A primeira publicação foi o texto “A Transvestite Answers a Feminist”, em 1973, na edição de agosto [2], que em 2006 foi republicado por Susan Stryker e Stephen Whittle no livro “The transgender studies reader”. O ensaio foi elaborado a partir de conversas e troca de mensagens entre Sullivan e uma colega de trabalho, que era envolvida no movimento de mulheres. A discussão que o autor constrói se configura como uma das primeiras críticas à formulação de um pensamento feminista que tem como base a exclusão de pessoas trans (STRYKER, 1999).

## UM(A) TRANSVESTITE RESPONDE UMA FEMINISTA

Lou Sullivan

Há pouco mais de um mês, a Schlitz divulgou um pôster de propaganda de sua cerveja, em que figurava uma bela mulher no estilo "Love American Style", com um buquê e um penteado preto brilhante, toda maquiada para parecer "sexy". Dorothy, uma colega de trabalho minha, anexou o seguinte bilhete ao pôster e o deixou para mim: "Sheila, essa imagem plastificada de mulher seria mais aceitável se se tratasse na verdade de um homem?" Um pouco entretido, escrevi em resposta: "Querida, se se tratasse de um homem, ela teria que ter a cabeça muito mais no lugar [3] do que qualquer um de nós. acredite em mim. (E estou falando de QUALQUER um de nós!)" Outro bilhete de Dorothy apareceu em minha mesa!

Prezada Sheila: Antes de mais nada, qualquer pessoa que tenha a cabeça no lugar está com prisão de ventre [4]. Qualquer pessoa que precise manter o cabelo em um estilo semelhante a um capacete está "constipada" - imóvel, incapaz de se mover ou funcionar como um ser humano real e calmo. Um estilo de cabelo como esse é

uma maneira bastante eficaz de garantir que seu corpo não tenha prazer, e o sexo não é 50 por cento do prazer corporal? (Os demais 50 por cento, é claro, são mentais.)

Recompôr-se significa agir nesse sentido. A pessoa que curte essa cena compra várias roupas descoladas e "as arruma" em seu corpo, não em sua mente, onde a verdadeira camaradagem começa. Ele "se arruma" em seu armário - até Alice Cooper é uma rainha do "armário" nesse aspecto. Agora, ao mesmo tempo em que você vê essa imagem superficial, comprada em uma loja de departamentos, como uma personalidade conjunta de um homem, você desdenha da mulher que também se vale de um armário cheio de roupas luxuosas e caras ou de maquiagem e penteados envernizados e a considera uma "puta burra", NÃO UMA PESSOA. Você afirmou muito explicitamente que o problema de Joplin era sua imagem de "garota hippie", e isso geralmente significa roupas extravagantes. Cooper se veste de forma igualmente chamativa, mas seu problema com as roupas é "descolado".

O ponto que você parece estar obviamente tentando NÃO entender é que qualquer pessoa, homem ou

mulher, que dependa de um penteado ou de uma roupa previamente recomendada pela revista Vogue não é uma pessoa, é uma imagem. Essa imagem permite que a personalidade real se esconda (ou oculte o fato de que a pessoa não tem personalidade - talvez isso seja mais preciso) porque a "imagem" diz tudo sobre você e determina muitas de suas ações. Esse é basicamente o pensamento do movimento feminista, portanto, você deve estar ciente disso. Se bem me lembro, você descreveu sua irmã mais velha, maquiada, como sendo uma pessoa que não está em lugar nenhum. Se as pessoas são bissexuais e os sexos devem ser julgados igualmente, o que exatamente a torna inferior a uma travesti? Por que eu deveria acreditar em você? Não acredito em estereótipos sexuais ou em Deus, então por que acreditar que uma mancha de maquiagem é saudável em um homem, mas não em uma mulher?

Você ainda está tentando varrer as merdas mentais para debaixo do tapete, transformando os problemas de personalidade muito profundos e dolorosos da bicha em uma moda descolada, em vez de perceber que isso é neurótico e isolante. Leia novamente "City of Night", de Rechy. É de partir o coração, não é *groovy* [5]. Essa

cena só poderia agradar a alguém que tem pavor absoluto de se comunicar com outras pessoas. Sim, eles são muito bons em insultar uns aos outros, insultar a si mesmos, derrubar todas as instituições que os oprimem... em suma, eles geralmente parecem reagir com ressentimento às situações, em vez de moldar suas próprias vidas. Você diz que acredita em "vontade", mas quanta vontade essas pessoas parecem ter nesse livro? Você realmente consegue ver isso como um tipo de vida válido e novo? Novamente, você disse que a promiscuidade sem nenhum tipo de critério não lhe atrai (e não deveria). Mas quando homossexuais praticam esse tipo de transa sem critérios, bravo! Afinal de contas, é apenas outra pessoa (aliás, um homem) que fica emocionalmente magoada depois de cada um desses encontros de uma noite, não a Sheila. E, apesar da imagem de uma bicha durona e muitíssimo selvagem e decadente, isso pode machucar. Se um homem ou uma mulher são tão fortes que nenhuma dor consiga penetrar, temo que as barreiras sejam tão altas que nenhum prazer (provavelmente sexual) consiga fazê-lo também. Lembre-se de que a mente, assim como o corpo, sente dor ou prazer, e que as emoções não podem ser reprimidas seletivamente. Uma pessoa ou

reprime todas as suas emoções (boas e ruins) ou aceita todas elas. E a necessidade de um amor profundo e satisfatório não é uma emoção?

E Sheila - eu sou fã de Lou Reed e comprei todos os seus discos por cerca de 4 a 5 anos. Ele está por aí há 6-7 anos. Onde estavam você e todos os outros novos apoiadores dele naquela época? O mesmo homem fazendo a mesma música, mas assim que ele se transformou em um OBJETO SEXUAL, ele recebeu o reconhecimento que eu, pessoalmente, achava que ele merecia como um simples MÚSICO. Você realmente acha que ele não sabe que sua música é de interesse secundário para a maioria de seus novos fãs? Veja. Nenhum sucesso até que ele decidiu enfiar (explorar) sua imagem (preciso dizer mais?) e, de repente, ele está rodeado por um enxame de frutinhas [6]. Nossa, uma música sobre depilação de pernas. Já começou a depilar as suas? Se as mulheres não estão felizes e satisfeitas como objetos sexuais sem pelos, será que um homem ficará feliz como um?

Devo acrescentar que, como sempre, sou 100% contra a perseguição de gays. Também estou tentando dizer que

eles não devem perseguir a si mesmos adotando papéis superficiais, e que ficar obcecado por padrões distorcidos de estereótipos sexuais só acabará prejudicando o gay padrão e impedindo-o de ser uma pessoa mais "real".

Em resposta, deixei o seguinte bilhete na mesa de Dorothy:

Prezada Dorothy: Fiquei surpreso com seu rap pesado - achei que você estava extremamente irritada (comigo?) ou realmente queria entender o que eu estava pensando. Não sei o que estava pensando - talvez você mesma não tenha certeza. Levei um tempo para organizar meus pensamentos e reações. Não vamos fazer deste encontro um encontro malicioso, mas um encontro educativo. OK?

Como começar a organizar a mente entre dois opostos absolutos? Finalmente, estou começando a tentar reconciliar um garoto dentro de mim que eu sabia que existia desde quando nós, crianças, nos vestíamos para brincar de cowboys e eu sabia que não podia ser real para mim, porque eu era a garota que tinha de ser

bonita, delicada e frágil, cuidar das crianças, cozinhar e esperar que meu homem viesse até mim. Aquele cowboy em mim só podia aparecer como uma fantasia, um fingimento, mas era tão real para mim de alguma forma que, finalmente, eu estava completamente perdido nele e com medo de que alguém descobrisse o quanto eu sentia isso (aos 5 anos de idade, fiz uma festa de aniversário do Davy Crockett. O clímax foi quando eu apareci. Eu era Davy Crockett e ainda me lembro da minha emoção no momento) ... e todo mundo pensava que estávamos apenas brincando, fingindo, mas eu não estava e isso era ainda mais assustador, porque eu sabia que não estava. (Quando eu tinha 15 anos, enfiei um pano na cueca como se fosse meu pênis e andei assim o dia todo, com medo de ser exposto).

Você diz que as queens ostensivas projetam uma "imagem que permite que a personalidade real se esconda". Qual é a personalidade REAL nessa situação em que um homem deseja parecer uma mulher ou uma mulher parecer um homem? Onde eles começam a ser reais? Onde eles começam a se acalmar com esse tipo de oposição interna? Ficar dentro do armário, vestir-se sozinho em um quarto trancado, esperando que ninguém

veja, com medo de abrir a boca para falar sobre qualquer assunto que se aproxime do seu segredo (o que é beleza? O que te faz feliz? QUEM VOCÊ AMA??!!!) ... a tentativa de parecer certinho e normal é "constipação"! É POR ISSO que ele ela é uma imagem, porque, em suas próprias palavras, "a imagem diz tudo sobre você e determina muitas de suas ações". Quando ele ela sair do armário, vestir a imagem de sua verdadeira identidade para que todos vejam e não tiver medo de dizer: "Este é o meu amor", então terá começado bem a "organizar sua mente".

Desafio qualquer pessoa que não admita isso em si mesma, como por exemplo "a mulher que tem um armário cheio de roupas extravagantes e caras, ou maquiagem e penteados envernizados", porque eu nunca poderia ser isso... aquilo que eu deveria ser... e me recuso a ser identificado com uma mulher assim. NÃO POSSO SER! Minha irmã mais velha é inferior a uma travesti porque ela não consegue relaxar, ela está se esforçando tanto para negar sua humanidade interior e sua liberdade, para engarrafa qualquer suscetibilidade a sentimentos - enquanto uma travesti, no mínimo, admite para si mesma sua vida interior e seus

sentimentos e, no máximo, se ela se assumir, estará sujeita à rejeição da família e dos amigos, a danos físicos, à negação do uso de instalações públicas e privadas, a ser presa fácil para que outros tentem foder sua cabeça dizendo que ela está doente, etc. - tudo para relaxar consigo mesma, ser livre, aberta e viva. Você pede que ela se mostre viva para o mundo para que o mundo possa matá-la.

"Varrer os problemas mentais para debaixo do tapete, transformando os profundos e dolorosos problemas de personalidade da bicha em uma moda ultra-cool [7], em vez de perceber que é neurótico e isolante!" Dorothy. Não acredito que você disse isso. A razão pela qual os "FAGS" [8] têm problemas de personalidade profundos e dolorosos é porque pessoas como você "percebem (!) que eles são neuróticos e isolados". E então você pede a eles que moldem suas próprias vidas! As pessoas em Rechy [9] têm muito mais determinação do que qualquer heterossexual - a determinação de dizer "foda-se" a todos os idiotas que as odeiam tão intensamente, de dizer "foda-se" ao mundo que as considera doentes e dizem "foda-se, eu sou EU"... muito mais determinação do que qualquer outra pessoa. Mas você diz que eles

apenas "parecem geralmente reagir com ressentimento às situações em vez de moldar suas próprias vidas". Onde você molda uma vida para si mesmo quando tudo o que faz é lutar contra as opressões dia após dia? Onde um negro começa a moldar sua própria vida quando está sozinho entre 200 KKKs [10], ou uma mulher em uma sala com 50 homens olhando para seus peitos e bunda? Eles começam de baixo, é aí!!! Eles se unem e dizem "foda-se todo mundo, este sou eu e sou bom". O mundo de Rechy é de uma vida tão válida e nova quanto a de um negro que grita sua ALMA ou a de uma esposa que se separa do marido e dos filhos e grita sua libertação.

Eu não realmente acho que gays pratiquem um sexo não-seletivo mais do que heterossexuais. Muitos e muitos gays voltam do bar para casa sozinhos porque todo mundo lá era um monstro-de-gila [11], tal como os heterossexuais. Você parece pensar que tudo o que os gays fazer é ter relações de uma noite só. Há muito mais relacionamentos estáveis entre gays do que isso. No entanto, a taxa de relacionamentos de uma noite só é maior entre os gays do que entre os heterossexuais, devido a todo o medo que os gays têm da exposição, de serem fodidos por heterossexuais dizendo por tanto

tempo a eles que eles são doentes de modo que eles comecem a se questionar sobre seu próprio mundo, e é difícil ter um amor caloroso e duradouro com uma pessoa quando você foi ensinado desde criança a pensar que isso é doente e ruim... alguém que você nunca poderá tocar em público, levar para a casa para a mãe [conhecer], que você nunca poderá admitir que é seu amor. (Vocês dois levantam suspeitas se comprarem uma casa juntos, você não pode levar seu amor para uma festa do escritório ou uma viagem de negócios, não podem adotar uma criança e um milhão e meio de aborrecimentos extras se o casal for um homem mais velho com um amante de 20 anos). Quem pode ter um “amor profundo e satisfatório” nessas condições?

Há seis ou sete anos, eu estava enfiando trapos na minha cueca – era assim que eu estava! Há seis ou sete anos, Lou Reed estava provavelmente com medo de que seus fãs o conhecessem bem demais e isso seria o fim. “Nenhum sucesso até que ele decidisse explorar sua imagem” – nenhum sucesso até que ele saísse do armário e desse a outros como ele a coragem de fazer o mesmo e amá-lo e idolatrá-lo por isso... por trazer suas vidas à atenção do público como uma vida válida, boa e

calorosa. Sim, uma música sobre depilação das pernas – assim como uma música sobre [cabelos] Afros naturais ou [usar] nenhum sutiã. (Você nunca saberá se eu depilo minhas pernas, pois agora uso calças o tempo todo!)

Já que você duvida que os homens possam ser felizes com as pernas depiladas porque acha que as mulheres não podem ser, você pode sair do armário e dizer a todos nós como um homem deve proclamar sua total feminilidade ou uma mulher sua masculinidade, se não for por imagens. Você quer reivindicar sua liberdade NÃO depilando as pernas – então por que uma travesti não pode reivindicar a sua depilando as pernas? Receio que você esteja tentando impor padrões heterossexuais às travestis, o que simplesmente não funciona... é como os brancos julgarem a beleza física dos negros pelo quão “brancos” são seus traços faciais, etc.

Já que você acrescentou que é 100% contra a perseguição aos gays, deixe-me apontar seu uso de linguagem chauvinista: “frutinhas”, “viados”, “objetos sexuais”, “neuróticos”, “problemas de personalidade”, “papéis sexuais distorcidos”. Seria bom se você conseguisse fazer com essa linguagem o que fez com “nigger” [12] e “chick” [13].

Travestis se assumindo, tendo suas próprias músicas e ídolos, etc., somente irão “machucar” o gay padrão da mesma forma com que mulheres se assumindo (liberação feminina) irão “machucar” apenas a dona de casa padrão.

(E duplique tudo isso se ele for posar para um pôster da Schlitz!)

Naquela noite, Dorothy deixou isto para mim no trabalho:

Apenas uma observação rápida. Só escrevi da maneira que escrevi porque você é claramente uma mulher heterossexual que simplesmente não consegue aprender que uma mulher realmente não tem menos capacidade do que um homem. Se você fosse lésbica, como está se esforçando muito para se convencer, eu certamente não teria dito nada a você. Também poderia ter mantido minha boca fechada se você demonstrasse algum interesse em mulheres homossexuais. Do jeito que está, você fica aqui sentada em suas roupas “masculinas” (calças, masculinas? atualmente?) digitando e curtindo. Não é de se admirar que você esteja caindo nessa história de que a roupa faz o homem. E eu gosto muito de você para não dizer nada.

Não há praticamente nenhuma diferença entre homens e mulheres, exceto a genital, e qualquer pessoa que limite e baseie sua vida em seus órgãos genitais está em um caminho muito ruim. É exatamente por isso que temos um movimento feminista – as mulheres eram vistas apenas com base em seus órgãos reprodutivos, e depois não aguentaram mais. Mas o que os gays chamativos estão fazendo além de imitar todas as frivolidades idiotas que se acumularam em torno das mulheres nesse estágio não liberado? Os gays estão sustentando a era da mulher duplamente estereotipada, e como a mulher está passando por um momento infernal para se tornar totalmente real como pessoa, não posso encorajar isso de forma alguma.

Eu sugeriria que você questionasse sua passividade e fizesse algo a respeito. Consulte alguém se for preciso. E veja também se você consegue criar algum tipo de “imagem” de um HUMANO – ou seja, o que faz uma pessoa, em vez de o que é um homem ou uma mulher. O que acontece quando você descobre que um homem é carinhoso, e uma mulher agressiva; um homem é espiritual, e uma mulher intelectual? Por que se preocupar em mudar sua orientação sexual quando não existe diferença na realidade? – Dorothy

Mas quando eu acordei naquela manhã, eu achei a seguinte carta na minha caixa dos correios em casa:

Querida Sheila: Sinto-me muito mal pelos últimos dias. Você era minha amiga feminista. Nós tivemos problemas muito similares em relações com outras mulheres, até mesmo feministas, então eu realmente precisava de você para conversar sobre questões de mulheres. Saber que eu não era a única mulher que se sentia isolada de outras do meu sexo também foi reconfortante. Você parecia ser mais esperta do que eu em muitos aspectos (andar de bicicleta até Terre Andre; acampar no Mississippi) e eu a respeitava por isso. Para mim, você era uma pessoa direta e energética e boa de se ver em ação. Quando meu namorado e eu passávamos por lá, você e eu podíamos reclamar sobre o super intelectualismo de nossos homens – eu precisava, porque suas conversas inteligentes me faziam sentir muito excluída e inferior. Éramos ótimas no trabalho – quando eu me sentia confusa com alguma coisa idiota do escritório, você me tranquilizava. Você nunca me rebaixava no trabalho e, por fim, até descobri que você tinha tanto medo de telefonar quanto eu!

Então, veja onde estamos. Tenho outro bilhete meio

desagradável na gaveta para você; perdoe-me. É desagradável porque você é uma pessoa nova, uma mulher nova, aos meus olhos. Você também é dolorosamente parecida com a mulher que eu era na sua idade. Essa pequena discussão que estamos tendo (que eu comecei) é principalmente essa diferença de idade. Eu vivi uma grande confusão sobre o que é uma mulher e passei por um longo período de desejo de ser “moderna” sexualmente. Lembra-se da maneira grosseira e insensível (para seus sentimentos) com que defendi o fato de seu namorado tê-la deixado? Bem, eu estava tentando defender a mim mesma e a meus desejos de “modernidade” sexual disfarçados de liberdade sexual. Sinto muito e estou envergonhada por nunca ter me desculpado por minha crueldade com você até agora. Estou especialmente envergonhada, porque descobri há algumas semanas como estava errada ao pensar que a promiscuidade e as pequenas orgias me tornavam algo especial. Meu trabalho artístico me tornou especial, mas perdi isso de vista em meu ressentimento de dois anos com meu namorado por me afastar de minha imagem sexy e livre. E, caramba, eu queria uma imagem! Eu simplesmente não conseguia acreditar que era tão boa (inteligente) quanto ele, não importava o

quanto ele me dissesse que eu era. Os homens são inteligentes, poderosos e produtivos, não as mulheres, pensava eu, bem lá no fundo. Bem, finalmente superei isso. MAS - nesse meio tempo, perdi 6 anos durante os quais poderia estar me desenvolvendo como uma pessoa forte, autoconfiante e que ama a si mesma. E, francamente, Sheila, eu não quero nunca ver outra mulher desperdiçar sua juventude em auto-ódio tal como eu desperdicei a minha. Eu era tão preocupada com você que eu só explodi.

Então talvez pareça que estou sendo condescendente com você, mas é que aprendi algumas verdades sobre mim mesma de modo que tenho um palpite de que se aplicam a você. Muito presunçoso, não é mesmo? Não sei se importa o fato de eu ter boas intenções. O que eu não aprendi é que as pessoas precisam resolver seus próprios problemas. Talvez em meus trinta e poucos anos eu finalmente consiga enfiar isso em minha cabeça dura.

Mas, até lá, tudo o que posso dizer é que a masculinidade e a feminilidade, quando consideradas propriedades mentais em vez de condições físicas,

devem ser descartadas por qualquer um que se preocupe com as pessoas. A “feminilidade” tem sido usada há muito, muito tempo para enganar as mulheres e os homens sensíveis, e “masculinidade” tem sido mal utilizada a ponto de enganar o mundo inteiro (os homens são os chefes das corporações, os criadores de guerras e os opressores da ecologia das minorias femininas). Não estou falando de indivíduos, mas de conceitos (veja “maternidade” como um conceito e compare-o com mães reais – o conceito tem pouco a ver com mães reais exceto para oprimi-las e enganá-las).

Sim, as atitudes da sociedade matam – mas são todas as pessoas que elas matam, não apenas as óbvias, como negros, aberrações e gays. Elas mataram minha irmã “Holiday Magic”, mataram minha mãe e meu pai superficialmente satisfeitos, pegaram sua(s) irmã(s) e quase pegaram a mim e a dois de meus namorados. E é realmente estranho – como meus pais afirmariam que suas imagens os fazem felizes, e eu sei que isso é mentira. A única coisa que uma pessoa pode fazer para se “libertar” é FERRAR COM QUALQUER TIPO DE IMAGEM. Se a “feminilidade” como conceito é opressiva para as mulheres, ela é, por sua própria natureza,

opressiva para os homens. Se a “masculinidade” como conceito (medo de demonstrar emoções, irresponsabilidade social, hipercompetitividade) é prejudicial aos homens, também irá prejudicar as mulheres. Essas são duas armadilhas criadas socialmente. Talvez uma pessoa odeie sua armadilha, mas será que ela se sairá melhor em uma armadilha da qual outra pessoa acabou de sair porque era devastadora? Quantas pessoas se convencem a ficar em uma armadilha só porque tentaram muito entrar nela? E se a armadilha não abrir quando você quiser sair? Pergunte a uma pessoa com histórico prisional sobre isso.

Sou uma sonhadora de olhos arregalados, uma utópica por completo. E é por isso que estou sendo uma filha da puta com você neste momento. Desejo desesperadamente para os outros a paz consigo mesmo que estou tendo tanta dificuldade em encontrar. E, na vida, qualquer desvio leva anos para ser contornado. E, às vezes, uma pessoa nunca consegue voltar para a estrada certa. Espero que isso não se aplique a nós.

Eu senti que devia responder a essa carta também:

Querida Dorothy: Sua carta foi inesperada e surpreendente. Eu esperava que você REALMENTE viesse até mim em relação à carta que te enviei. Então sua querida carta foi mais do que bem-vinda!

Dorothy, eu não me sinto preso a nenhuma “moda sexual” (não tenho muita certeza do que isso significa...) ou a qualquer imagem. O motivo de eu ter me dado conta tão rapidamente do que estou fazendo agora é que sempre precisei fazer isso, mas nunca tive coragem. Portanto, agora estou experimentando e vendo como me sinto – se for uma cena de lugar nenhum, esqueça. Parece que estou sempre entrando e saindo de cenas... Acho que a vida é assim. Por muito tempo, meu namorado e eu nos escondemos um do outro (lembro-me bem de como eu queria literalmente nos trancar juntos em nossa casa, fechar as janelas do mundo exterior e nos salvar de tudo). O despertar veio para mim quando um belo gay se aproximou de mim na rua do outono de 71 e eu não tive nem tempo de falar com ele, pois estava indo encontrar meu namorado no ônibus, que estava a uma quadra de distância. E eu soube, quando entrei no ônibus e deixei aquela beleza ali parada, que eu nunca deixaria de me arrepender por aquele momento.

Mas, agora que nos separamos e tenho liberdade, quero experimentar coisas diferentes que sempre quis. Não sou lésbica. Também não quero ser. Sempre me vi como um homossexual masculino (agora tenta entender isso – não consigo). Acho que a razão pela qual penso assim vem de meu ódio pela cena feminina. Mas sempre tive uma queda por travestis e homossexuais em meu coração, porque me pareciam ser os mais bonitos por dentro – os mais capazes de abandonar os tipos estereotipados, o que, para os homens, acho que é muito mais difícil. Acho que eles são um grupo que sabe melhor do que ninguém que não há diferença entre homens e mulheres. Portanto, quero nadar um pouco – conhecer alguns gays e travestis, ver se consigo aprender alguma coisa sobre os sentimentos que tive nessas áreas.

Desde que a pessoa saiba o que está fazendo, ela não pode ficar “presa” a isso. Acho que sei o que estou fazendo e, se as coisas derem errado, saberei que não devo fazer isso da próxima vez, certo? Então você está certa... Tenho que viver e aprender... não devemos todos?

Eu estou longe de me odiar, mas às vezes temo que seja demasiadamente o contrário. (Adoro quando descubro que as mulheres da cena “feminina” me odeiam!) Mas não estou tentando negar minha “feminilidade”, Dorothy, estou apenas tentando entrar sorrateiramente pela porta dos fundos. A porta da frente da abordagem da lady da Avon nem sequer funcionou. Eu gostaria de ter o melhor dos dois mundos... o que estou fazendo agora é tentar descobrir como obtê-los. – Sheila

Eu a convidei a ir a um bar hétero comigo naquele fim de semana para conversar e beber, mas ela recusou descaradamente, dizendo que obviamente estávamos “com a cabeça em direções diferentes, então por que tentar”. Nós nunca conversamos sobre esse confronto, ele foi realizado inteiramente por escrito. Desde essa troca de palavras, há mais de um mês, ela tem sido fria e desinteressada em relação a mim. Ontem, fui ao escritório para visitá-la e ela se recusou a reconhecer minha presença, nem mesmo a olhar para mim. Fiquei parado na porta por um tempo e depois saí.

## Notas

[1] Nota dos tradutores: em inglês, a palavra “transvestite”, anterior ao termo “crossdresser”, se refere a pessoas que utilizam roupas designadas ao gênero oposto. Por exemplo, um homem que utiliza roupas consideradas femininas. No decorrer do texto, percebemos uma ligação nítida entre o conteúdo da argumentação e o título. Portanto, optamos por não traduzir esse termo, visto que, em português, não há tradução literal exata.

[2] Edição disponível em: <https://search.library.wisc.edu/digital/AGR55HJRVVSUQ.V8I>. Acesso em 05 de Maio de 2024.

[3] Nota dos tradutores: na versão original, em inglês, a expressão utilizada por Sullivan é “have her shit a lot more together”. Em tradução livre, sem adaptação para o português, essa expressão significa “ter sua merda mais junta”. De modo figurativo, essa expressão significa “ter as coisas sob controle”, ou manter-se sob controle de algo. Mas é importante destacar o significado literal da expressão, em virtude do desenrolar da troca de notas narrada no texto.

[4] Nota dos tradutores: aqui, supomos que Dorothy fez um trocadilho com a expressão de Sullivan “have her shit a lot more together”, como explicamos na nota de rodapé anterior.

[5] Notas dos tradutores: a palavra “groovy”, em português, significa “na moda”, mas consideramos interessante manter a versão original por ser uma gíria típica.

[6] Nota dos tradutores: no original, o termo aparece como “fruit flies”, que é uma gíria em referência a pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans.

[7] Nota dos tradutores: a palavra “cool”, em inglês, significa “descolado”. Optamos por manter a palavra no idioma original para não interferir no sentido empregado, já que é uma gíria comum.

[8] Nota dos tradutores: a palavra “fags”, em inglês, é um termo pejorativo que, em português, significaria “viado”.

[9] Nota dos tradutores: John Rechy foi um escritor norte-americano que tratava, em suas obras, de questões homossexuais.

[10] Nota dos tradutores: KKK é um sigla em referência à Ku Klux Klan, uma organização racista dos Estados Unidos.

[11] Nota dos tradutores: na versão original, este termo está como “Gila monster”, e diz respeito a um lagarto venenoso que habita os Estados Unidos.

[12] Nota dos tradutores: termo em inglês pejorativo para se referir a pessoas negras, nos Estados Unidos.

[13] Nota dos tradutores: termo em inglês para se referir a mulheres, que, dependendo do contexto utilizado, pode ser pejorativo.

## Referências

RODEMEYER, Lanei M. *Lou Sullivan Diaries (1970-1980) and Theories of Sexual Embodiment: Making Sense of Sensing*. Springer Cham, 2018.

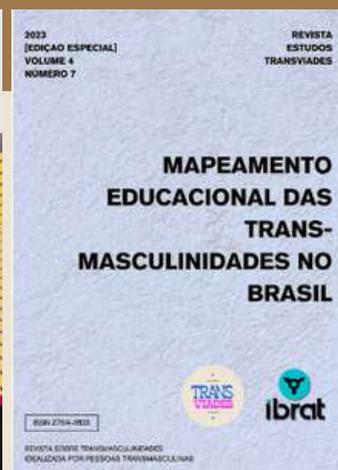
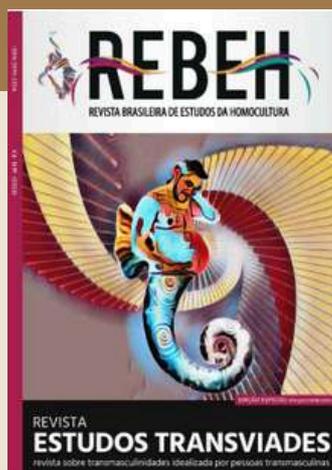
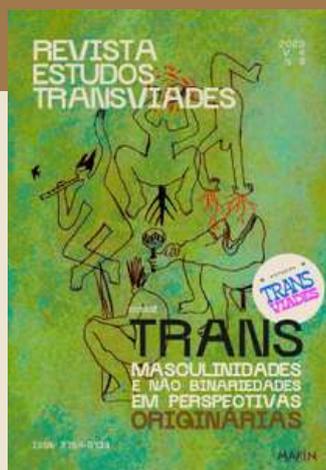
LIMA, Luiza Ferreira. *Trânsitos em texto: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos*. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/T.8.2022.tde-07102022-095544. Acesso em: 2024-05-06

SULLIVAN, Lou. *A Transvestite Answers a Feminist*. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Orgs.). *The transgender studies reader*. Nova York: Routledge, 2006, p. 159 - 164.

STRYKER, Susan. *Portrait of a Transfag Drag Hag as a young man: The activist career of Louis G. Sullivan*. In K. More & S. Whittle (Eds.), *Reclaiming genders: Transsexual grammars at the Fin de Siècle*. London: Cassell, 1999, p. 62–82.

Agradecemos  
pela leitura!

Conheça algumas  
de nossas outras  
edições, dossiês  
e pesquisas:



Todas as nossas edições estão  
disponíveis gratuitamente em  
formato digital no site da Revista

ISSN 2764-8133